

Entre Leiras: Entre Realidades e Representações

Cláudia do Carmo Pereira Ribeiro

Trabalho de Projeto – Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais

Setembro, 2018

Este projeto teve a orientação da Realizadora e Professora Catarina Alves Costa e é aqui apresentado como cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia, área de especialização em Culturas Visuais.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu namorado, João Rodrigues, que me ouviu e ajudou em todos os processos deste projeto.

Aos meus queridos amigos, Natasa Spancic, Vanessa Duarte, Paulo Lima e Maria pires, que com os seus ouvidos, fizeram deles os meus psicólogos.

À minha professora e orientadora, Catarina Alves Costa, pelos filmes realizados e pela sua capacidade de suscitar em mim uma vontade de seguir em frente.

A todos os habitantes de Passinhos de Cima e Passinhos de Baixo, que fizeram questão que nada me faltasse.

Ao Senhor Manuel Fernandes, que me cedeu a sua casa durante sete meses e demonstrou grande creditação neste projeto, um muito obrigado.

À dona Glória, que me recebeu e compreendeu como nunca ninguém o tinha feito até então. À dona Ana que me falou de agricultura como nunca ninguém falou, e ao senhor Alberto que demonstra um grande carinho por mim, tenho um especial agradecimento. Sem eles, o projeto não seria este que aqui vos apresento.

Entre Leiras: Entre Realidades e Representações

Cláudia do Carmo Pereira Ribeiro

Trabalho de Projeto – Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais

Setembro, 2018

I - Resumo

No lugar de Passinhos de Cima, freguesia de Paredes de Viadores e concelho de Marco de Canaveses, de Março a Outubro de 2017, realizei não só uma pesquisa, como também um documentário de carácter etnográfico que, por motivos de dimensão não anexe a este projeto, mas alojei no seguinte link: <https://youtu.be/9-2v5XQxFcA>.

A relação entre o que entra e o que sai deste local, desde o que lá se absorve ao que de lá se projeta é o foco deste projeto. Quando me refiro a absorver, refiro-me à forma como os ciclos da natureza marcam a vida das pessoas que lá vivem e o quanto isso influencia a forma como estas se acabam por auto-representar e revelar a sua própria natureza e identidade.

Neste texto irei abordar não só o modo como se articulou todo este processo, como também a forma como, na busca de uma análise e de uma escrita, o desenvolvi e representei em filme.

Entre realidade e representações, a direção deste projeto está no centro da questão que quero tratar, o próprio processo do trabalho etnográfico.

“Quando falamos de reinvenção cultural e de ‘encenação da autenticidade’ pensamos em ‘fenómenos de re-imaginação’. E re-imaginar implica ideias de regresso, ressurreição, revivificação, mas também de criatividade e de produção cultural”

Paulo Raposo

Palavras chave: Cultura Popular, Documentário, Etnografia, Identidade, Realidade, Representação, Trabalho de campo

Abstract

In the place of Passinhos de Cima, parish of Paredes de Viadores and municipality of Marco de Canaveses, from March to October 2017, I did not only do a research but also a documentary of ethnographic character. For reasons of size I did not attach the film in this project, but I lodged it at the following link: <https://youtu.be/9-2v5XQxFcA>.

The relationship between what enters and what leaves this place, from what is absorbed there to what is projected from there is the focus of this project. When I am referring to absorbing, I am referring to the way in which the cycles of nature mark the lives of the people who live there and how much it influences how they represent themselves and reveal their own nature and identity.

In this text I will address not only the way this whole process was articulated, but also the way in which, in search of an analysis and its writing, I developed and represented it in this film.

Between reality and representations, the direction of this project is at the centre of the question that I want to deal with, the very process of ethnographic work.

"When we speak of cultural reinvention and 'staging of authenticity' we think of 'reimagining phenomena'. And re-imagining implies ideas of return, resurrection, revival, but also of creativity and cultural production "

Paulo Raposo

Keywords: Documentary, Ethnography, Fieldwork, Identity, Popular Culture, Reality, Representation

Índice

I - Resumo	v
II – Introdução	1
II.I. Justificação.....	1
II.II. Metodologia.....	2
II.III. Objetivos	3
CAP.1 - O processo - Os sete meses, os sete dias de filme, as três estações do ano.....	5
1.1. A Primavera/ A Introdução	5
1.1.1. Março/Abril.....	9
1.1.2. Abril/Maio.....	11
1.1.3. Maio/Junho.....	17
1.2. O Verão/ O Questionamento.....	20
1.2.1. Junho/Julho.....	21
1.2.2. Julho/Agosto.....	26
1.2.3. Agosto/Setembro	30
1.3. O Outono/ A Reflexão	34
1.3.1. Setembro/Outubro	35
Cap.2 - Do que lá se observe, ao que de lá se projeta	41
2.1. A reflexão do real	41
2.2. Práticas do discurso	42
2.3. A representação do real.....	46
1º Dia.....	46
2º Dia.....	50
3º Dia.....	53
4º Dia.....	57
5º Dia.....	60
6º Dia.....	65
7º Dia.....	69
Cap.3 – Entre Realidades e Representações	72
III – Conclusão	78
IV - Bibliografia	79
V - Filmografia	82

II – Introdução

Início esta apresentação referindo-me ao motivo pelo qual ingressei neste Mestrado e realizei este projeto, seguindo com a metodologia do mesmo e os seus objetivos.

II.I. Justificação

Ao longo dos anos fui criando uma ideia de cultura popular e identidade nacional através das influências que me rodeavam em Guimarães, de onde sou natural. Influências essas que eram, e são, especialmente fortes no meu seio familiar. Frequentei durante 15 anos um rancho folclórico, cortejos etnográficos e atividades agrícolas com o meu pai, onde a expressão “*antigamente é que era*”, se tornava frequente. Saí para a Covilhã onde estudei cinema, conhecendo pessoas e realidades completamente diferentes daquelas que tinha conhecido até então. Quando voltei às minhas origens, nenhuma das minhas referências anteriores à cultura e identidade portuguesa me pareciam corresponder à nossa sociedade atual. Pareceu-me que ali habitava um passado já não existente, mergulhado num saudosismo incutido pelas suas representações. O cinema fez crescer em mim uma necessidade urgente de filmar tudo aquilo que eu via agora como único. Afinal Portugal não era só aquela realidade, e esta pareceu-me menorizada.

Quando comecei a registar o meu pai e os seus colegas em atividades agrícolas como feiras de gado, etc., estes vestiam-se com trajes de ranchos folclóricos e utilizavam objetos e ferramentas do passado, como carros de bois, não que o fizessem todos os dias mas porque eu os iria filmar. Esta vontade de representar uma atividade atual com objetos representativos de um passado deixou-me curiosa.

Comecei por questionar estas representações no cinema, quer por parte do ator, quer do próprio autor. Todas as questões à volta da verdade ou não verdade no documentário levaram-me a questionar também a ideia de construção do eu e do outro, e do eu para o outro. O ato de desmontar uma realidade e montá-la de novo para que esta seja perceptível ao espectador requer um exercício que, a meu ver, sem a Antropologia e sem a metodologia de trabalho de campo, é impensável alcançar. É

necessário conhecer e compreender a complexidade de fatores referentes a uma realidade social para assim a poder registar ou representar, ou seja, ter um olhar sobre ela. A descoberta do ser humano enquanto ser social e o meu interesse sobre a forma como ele se vê a si próprio levou-me a ingressar no Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais e a desenvolver este projeto etnográfico de carácter visual.

II.II. Metodologia

No lugar de Passinhos de Cima, freguesia de Paredes de Viadores, concelho de Marco de Canaveses, vivem cerca de trinta pessoas. Seguindo a Rua das Tapadas em direção ao topo do monte, encontramos uma encosta onde vivem três irmãos. A Dona Ana, que vive no alto com o irmão de ambas, e Dona Glória, que vive sozinha numa casa mais a baixo.

O local onde habitam e onde chega a televisão, o padeiro, o peixeiro, o merceiro, assim como os seus filhos ao fim de semana, foi o local escolhido para realizar o meu trabalho de campo e o meu documentário. Ali me encontrei sozinha, com uma câmara, um tripé, um gravador de som e uns auscultadores. Foi neste contexto que registei não só a ambiência e o tempo vivido no local, mas também o que lá entra e o que de lá é projetado.

Foi a partir das experiências com os meus familiares, anteriormente referidas, que decidi procurar o desconhecido. Este local já havia sido visitado por mim anteriormente e, embora não conhecesse os seus habitantes, foi um local que desde logo me encantou, resguardado, onde o vento mesmo quando forte, não se sente.

Desde Março até Outubro, das plantações às colheitas, acompanhei o ciclo agrícola, vivi e convivi com estas duas irmãs a tempo inteiro. A perceção dos seus dias e das suas vidas e a perceção de evolução de relacionamentos entre mim e elas, e elas com a câmara, só foi possível desta forma. Este último ponto é um ponto importante nesta pesquisa etnográfica. A forma como as pessoas se comportam e se dirigem para a câmara diz muito sobre elas e sobre o que as rodeia. Eu também as rodeei durante estes sete meses, tal como o padeiro que chega todos os dias às 11h, como o peixeiro que vem às segundas, quartas e sextas, e o merceiro que vem à terça-feira. Eu estive lá e acabei por ser objeto de estudo de mim mesma.

No decorrer destes sete meses o meu exercício não foi apenas de observação mas também de filmagem. Para além de todas as questões que discorrem à volta da presença da câmara, existe um registo. Este arquivo visual é, numa fase posterior do projeto, articulado, encadeado e organizado. O processo da sua estruturação funciona também enquanto auxiliar de memória, nomeadamente quando se trata de manter a autenticidade dos acontecimentos. Assim, recorrendo à metodologia de trabalho de campo e aos registos que dele originam, consigo abordar com mais clareza este processo de representação da realidade e todas as questões à volta da ideia de identidade.

II.III. Objetivos

Todo este processo, desde o trabalho de campo à projeção do mesmo, é o que aqui é relevante. Entre realidades e representações existe um trabalho que, a meu ver, neste projeto, é de maior interesse. Não só pela forma como se desenvolveu, mas também pelo fato de que, para a compreensão da relação entre a realidade e a representação da mesma, é necessário articular e analisar o que existe entre estes dois discursos - e o que existe entre eles é, sem dúvida, o processo de trabalho.

Assim, no primeiro capítulo deste projeto começo por analisar detalhadamente toda a experiência vivida em trabalho de campo, desde Março a Outubro de 2017. Examino não só a experiência humana presente no decorrer do projeto, como também escolhas técnicas e profissionais que executo para o seu desenvolvimento.

Desde que cheguei a Passinho de Cima até ao dia que me fui embora, três estações passaram e muita coisa mudou, não só a paisagem mas também a minha relação com os habitantes e vice-versa. O tempo e o espaço foram-se adaptando e abrindo portas para outros caminhos. A Primavera trouxe o sol e com ela nasceram os primeiros rebentos das árvores. As plantações começam e iniciam o ciclo. No decorrer das mesmas, o que antes era um muro, tornou-se num vidro transparente. Desde uma desconhecida a uma familiar, não durou muito tempo. Inicia-se o Verão e aqui o sol brilha e a rega é feita. A manutenção começa e o questionamento também. Ao se familiarizarem comigo e com a câmara passam a questionar o seu uso e como será a vida delas, vista de fora. Olhando-se refletidas, abrem os regos e dirigem a água. Eu fui embalada no tempo e no espaço que se foi criando, observei e participei na vida daquele

local e daquelas pessoas, o que acabou por resultar numa última fase, de reflexão e despedida difícil de ultrapassar.

Num segundo capítulo, depois de uma análise aprofundada do período de trabalho de campo, descrevo a segunda etapa deste projeto. Passo a articular o que lá foi vivido e o próprio ato de o representar. Todas as questões tidas em conta nesta etapa são aqui abordadas, desde questões cinematográficas a questões de ética. A busca de transparência e autenticidade está aqui demarcada. De forma ainda descritiva e etnográfica justifico quase analiticamente as minhas escolhas e de que forma as sequenciei.

No terceiro capítulo refiro-me à terceira fase deste projeto. Deixo para trás a linguagem descritiva, usada até então, e entro numa reflexão mais teórica acerca dos processos de representação de uma realidade.

Fazendo a ponte entre o meu processo, até aqui descrito, e o processo de outros autores e realizadores que utilizaram não só o mundo rural como objeto de estudo, como também na busca da sua representação realizaram trabalho de campo, abordo a evolução daquilo a que penso podermos chamar de filme etnográfico em Portugal - o filme centrado para a cultura e identidade de um povo.

Tendo em conta que este trabalho diz respeito ao processo e não à conclusão do mesmo, e não querendo com este discurso fornecer nenhuma ideia preconcebida de como deve ser realizado este tipo de projeto, não me quero aqui aprofundar mas sim contextualizar o projeto realizado.

CAP.1 - O processo - Os sete meses, os sete dias de filme, as três estações do ano.

1.1. A Primavera/ A Introdução

No dia 23 de Março de 2017 comecei o trabalho de campo e recorde-me que antes de sair de casa me questionava se, nessa primeira abordagem, deveria apresentar-me com ou sem o equipamento de gravação. Pus em causa todas as alterações previstas só com este fator e percebi que esta seria uma decisão fulcral para o projeto. Pensando no meu objetivo inicial de articular o discurso acerca da representação cultural, esta seria sem dúvida a atitude principal do projeto, a chegada. Depois de ter escolhido estar sozinha em trabalho de campo, o mais sensato seria apresentar a câmara ao mesmo tempo que me apresento a mim. Depois de uma hora sentada com o material preparado, decidi ir com ele. Pareceu-me que o fato de chegar lá já com a câmara poderia ajudar a criar uma maior familiaridade com a mesma, e era isto que neste momento me interessava, que a câmara não fosse um objeto incomodativo mas sim um objeto que pertence-se à minha natureza.

Assim caminhei em direção à encosta, o ar estava fresco, a Primavera iniciara há dois dias, as árvores estavam a florir e os campos começavam a ser lavrados. O som da água, dos grilos e dos pássaros estava muito presente. Ao longe vi uma senhora e dirigi-me até ela. Pus o gravador de som a gravar, mas a câmara mantive-a desligada por questões de respeito. Embora com o equipamento pendurado ao pescoço, consegui gravar o primeiro impacto. Ao chegar perto, esta acena-me e diz-me boa tarde com um sorriso no rosto. Eu identifico-me e ela apercebe-se que há cerca de um ano atrás tinha falado comigo numa das minhas visitas ao local, já referidas, antes de ter iniciado este projeto. Eu digo-lhe onde estou e porque lá estou e esta fica surpreendida, mas sem refletir muito, diz-me que estou à vontade.

Na verdade, apercebi-me neste momento que ela não fazia a mínima ideia do que eu iria fazer, do que seria eu filma-la. Conversamos sobre o tempo e sobre o local onde esta vive e, de imediato, me diz “ *aqui não é nada bonito*”, ao que lhe pergunto, porquê, e me responde:

“Aqui não há ninguém, tenho a minha irmã aqui em cima, mas ela vai trabalhar quase todos os dias, se me acontece alguma coisa eu morro aqui sozinha, ninguém me acode”.

Esta é a primeira interação com Dona Glória e é logo de início que me diz como se sente ali só. Sentamo-nos a conversar no mesmo banco de pedra que outrora nos sentámos. Fala-me que vive sozinha e que o seu marido morreu de cirrose há cerca de dez anos atrás, fala do seu filho que imigrou para a Noruega e da sua filha que no ano anterior ficara viúva com um filho para criar. À partida são as pessoas mais importantes da sua vida, os seus dois filhos e o seu querido neto.

Começa a chover e abrigamo-nos debaixo de um telheiro de chapa, na corte dos coelhos. Eu monto o meu equipamento e começo a filmar, enquanto a Dona Glória fala sobre a sua vida e retira estrume da corte dos coelhos. Ao longe aproxima-se uma senhora com ar de surpresa. A Dona Glória, antes que a senhora chegue, informa-me que é a sua irmã Ana que, como me havia dito antes, vive no cimo da encosta. De guarda-chuva, Dona Ana chega e diz já me ter visto quando me dirigi à casa do Senhor Luís, caseiro da casa onde eu estava hospedada. Perguntou-me o que andava a fazer e eu expliquei-lhe que se tratava de um documentário e que queria filmar a atividade agrícola naquela encosta. Esta sorriu e disse que tinha muita coisa a filmar e que cheguei na altura certa porque estavam agora a pôr estrume nos campos e as plantações iam começar a ser feitas.

A princípio fiquei com a percepção de que não perceberam que filmar o trabalho no campo implicaria filmá-las a elas também e que elas seriam igualmente objetos de estudo. Digo isto não só pela naturalidade da aceitação das filmagens, como também pelo desenrolar do processo em si.

Neste dia tive mais um pouco com elas, a chuva passou e aproveitaram para retirar o estrume da corte das ovelhas e eu aproveitei também para filmar, sem saber se usaria ou não estas filmagens. Este seria o primeiro dia e era importante para mim filmar, até porque não sabia se voltaria a ter oportunidade de registar a tirada e o espalhar do estrume.

Aqui começou a surgir a questão de como filmar este projeto. Qual a escala do plano e até quantos planos faço da mesma cena. Todas estas questões surgem enquanto

estas estão a agir perante mim e o tempo passa sem que consiga refletir muito sobre todas essas questões cinematográficas.

São tempos e espaços difíceis de gerir à primeira. Quando cheguei a casa deste primeiro dia percebi que tinha quebrado o eixo e que alguns dos planos não poderia usar. Percebi também que seria importante inicialmente estabelecer uma distância entre a câmara e as senhoras, não só por ainda não existir grande proximidade entre nós e os planos aproximados acabarem por serem representativos do mesmo, mas também porque não as queria confrontar com a câmara por perto logo no início do processo. Ora, isto acabou por ditar a forma como elas viram a câmara no início. Era algo que não as atingia, o seu alcance era-lhes desconhecido.

Foi este primeiro impacto, este primeiro dia, que me levou a questionar a forma como iria encarar este início, que acabaria por ditar todo o restante desenvolvimento do processo. Este percurso começou com o ato de estrumar e lavrar o campo que, simultaneamente, diz respeito à ação primordial de se trabalhar a terra e à minha chegada ao local e, por consequência, ao próprio filme que resultaria deste processo.

Assim, tanto numa vertente antropológica como cinematográfica, surgiram-me várias questões que ao longo deste capítulo vou descrever.

Não posso deixar de anexar aqui os meus primeiros apontamentos no diário de campo, a 23 de Março de 2017.

Hoje dia 23 de março, foi o meu primeiro dia na rua das tapadulas, em Torres de Viadrezes no Marco de Canaveses. Cheguei ontem à noite, o João dormiu comigo e foi de ~~manhã~~ ~~então~~ de manhã cedo. Tinha o pequeno almoço, fui falar com o senhor Luís, caseiro aqui da quinta, avisei-o que cheguei e este disse-me que quarta-feira ~~há~~ plantaria as suas batatas, voltei para casa, almocei e depois fui ter com a minha sobrinha que aqui mora, filiação a tirai estúdios com a sua irmã. Ambas vivem solteiras, cada uma em sua casa aqui ao lado. Ambas vão plantar batatas e muitas mais coisas disseram-me elas. Aderiram que eu ficasse e disseram que ainda iam aparecer na tv, mas que não têm nada a perder. ~~Se~~ Expressaram-se felizes por eu lá estar com elas, e por serem filmadas. Ficaram enfiadas de como isto da câmara (protótipo de tu) ~~se~~ se faz. Ve final ainda me

Figura 1

senhor Luís, a poda no senhor raíques que vai acontecer na terça-feira. ~~e~~ ~~estão~~ os seus animais, cachos, ovelhas e galinhas. As suas plantas, etc... As vezes faço algumas perguntas mas raramente, estas caudarem o que vai acontecer. Normalmente chego e pulo logo a gravar ~~e~~ ~~com~~ e a filmar e estas vão dando dicas. Não têm qualquer receio da câmara e gostam que eu lhes faça companhia, parecem-me sentir-se muito solteiras. Dizem que não têm muita cultura e que é esta a vida delas. A lavoura. reclamam do estado não contribuíz para a agricultura e que as reformas são muito tardias. Vem a cuidar os tomates mas tudo me oferecem. Todos os dias quando vou para casa estas agradecem a minha companhia e pedem desculpa se disseram algo de mal. ~~Por~~ ~~estes~~ são lúdas estas duas senhoras. A vizinha de cima ofereceu-me a internet e

Figura 3

agradeceram a companhia. Percebi que havia um galo na água aqui da quinta, fui novamente ao silveis que me veio elucidar o problema, e muito prestável ainda me falou de uma poda que vai acontecer amanhã. Não sei se vou, porque a vizinha vai plantar batatas :) São 22h e tou quase a dormir de cansaço ac subir e descer estas colinas.

Hoje dia 2 de Abril de 2017 ~~com~~ encontrei-me na encosta das tapadulas, desde dia 23 de março já filmo a estagnação dos campos, a lamagem e a plantação de batatas. Fui o que estes me dizem para filmar o que está a acontecer. Normalmente vou ter com a Dona Glória e a Dona Ana, duas irmãs que vivem solteiras da agricultura ~~o~~ aqui ao lado. Estas indicam-me o que vai acontecer para eu filmar. A plantação de batatas no

Figura 2

todos são prestáveis nesta encosta. Hoje é domingo, todos estão em família eu vou vou encomodar, ~~se~~ vou começar a ler o livro "Comunidades Imaginadas" e mais tarde fazer um bolo com os ovos que a Dona Glória me deu.

Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo. - Benedict Anderson.

"E se a 'antiquidade' fosse, em determinada conjuntura histórica, a consequência necessária da 'modernidade'?" pag 18

"Assim, num espírito autopolítico, propõe a seguinte definição de nação: é uma comunidade política imaginada - e que é imaginada ao mesmo tempo como intencionalmente limitada e soberana. É imaginada porque até aos membros da mais pequena nação nunca conhecem, nunca encontram e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros

Figura 4

1.1.1. Março/Abril

Março e Abril dizem respeito ao meu primeiro mês no local e ao mês de adaptação. Neste mês tudo floria, as laranjas caíam das árvores, a Primavera tinha chegado e as senhoras felizes por tal ter acontecido. Depois de um Inverno onde o cultivo foi menor e a ocupação também, vão finalmente trabalhar as suas terras na totalidade. Para Dona Ana e Dona Glória, o trabalho no campo, para além de ser parte do seu sustento, é para elas um gosto e um orgulho ver a terra cultivada.

Para além da chegada da Primavera, cheguei eu, uma pessoa que se interessou por aquele local e por elas, “*uma jovem com pensamento de velha*” dizia a Dona Glória. Senti, mesmo sem saber como tinha sido até então, que tal como a Primavera, a minha chegada estava a ser uma lufada de ar fresco.

Com a Dona Ana e Dona Glória vive também o Senhor Alberto, irmão de ambas, como já referi anteriormente. Segundo elas, ele sofre de esquizofrenia, problema já diagnosticado em criança. Dona Ana, depois dos seus filhos se casarem e se separar do marido, que para além de alcoólico era violento, ficou a viver sozinha com o seu irmão Alberto. Agora, com 65 anos, além de continuar a cuidar do seu irmão, cultivava o seu terreno e ainda trabalha numa quinta na região. A idade da reforma ainda não chegou e a pensão relativa à invalidez do irmão não chega para os seus medicamentos. Custava-me vê-la ir trabalhar todos os dias enquanto ficava com Dona Glória que, devido a problemas de saúde e locomoção, já não consegue trabalhar por conta de outros, continuando no entanto a trabalhar a sua terra com a maior dedicação, mesmo com as limitações que o seu estado de saúde lhe impõe.

Para além de viverem da terra e comerem o que ela lhes dá, acabam por vender algum milho e coisas aleatórias, como ovos, couve, vinho, feijão, bagaço, dependendo de quem lhes apareça para comprar e daquilo que procuram, porque na verdade acabam por produzir muito mais do que aquilo que necessitam para os seus sustentos. Em tempos de fartura e falta de compradores, estas dão aos animais, aos filhos, vizinhos e até ao padeiro que lá vem todos os dias. Tudo isto é perceptível no seu discurso, como quando as vi a iniciar a primeira plantação, a de batatas, e lhes perguntei o que faziam com tanta produção. “*Olhe nós damos, vendemos, damos aos animais, nada se perde e as terras ficam bonitas*”, disse Dona Ana a dia 5 de Abril.

Dona Ana todos os dias sai de manhã cedo e vai a pé para o trabalho, que ainda fica a cerca de dois quilómetros da sua casa. A maior parte dos dias sai ao meio dia e não trabalha da parte da tarde, salvo alturas de colheita ou plantação, como era o caso. Assim sendo, e a convite do Senhor Luís (caseiro da casa onde estava alojada), dirigi-me à quinta com Dona Ana, num dia normal de trabalho. Na quinta, Dona Ana e o Senhor Luís enxertaram todas as cepas e explicaram-me com muita dedicação todo esse processo. Para além deles dois trabalhavam lá frequentemente mais duas senhoras, a Dona Conceição e a Dona Ilda. A quinta produz vinho verde, como muitas outras quintas na zona.

Apercebi-me que na região várias pessoas trabalhavam na agricultura em regime de prestação de serviços e praticavam uma agricultura de subsistência em suas casas. Os homens com tratores e as mulheres com a sachola na mão. Desde que cheguei, todas as pessoas que fui conhecendo tinham trabalhado na agricultura, Dona Ana e Dona Glória não seriam exceção. *“Aos cinco anos, já arrastava o pau à frente dos bois”*, diz Dona Ana, enquanto planta batatas. O fato de ambas estarem em contato com o cultivo, desde que nasceram, leva a que não consigam parar de o fazer, mesmo que o lucro seja menor que o esforço e mesmo que a saúde já não o permita. O prazer que têm de andar *“entre as leiras”*, como diz Dona Glória, e *“comer uma laranja, um ameixo, umas cerejas, comer daqui e dali”*, como diz Dona Ana, é maior que qualquer dinheiro que possam ganhar.

“ A agricultura dá muito trabalho, mas o prazer que dá comer daqui e dali... A gente tem fome, apanha umas bagens, coze umas batatas, um ovo e já tá um almoço feito, mas isto não é fácil é preciso ter gosto pelas coisas”,

Este foi o comentário de Dona Ana, enquanto comíamos laranjas debaixo da laranjeira. Dona Ana tem um especial gosto em me falar da agricultura e a Dona Glória reflete mais do que expressa.

Estamos em Abril, o estrume está espalhado, as batatas plantadas e os excertos na vinha feitos. O comboio anda e a chuva passa. As senhoras, que inicialmente me aceitaram como uma curiosa e observadora de agricultura, agora percebem que eu vou

continuar a filmar, não só esta plantação das batatas mas todas as plantações até à colheita.

No final da plantação das batatas, despediram-se de mim e eu disse-lhes que o registo seria até à colheita, se elas quisessem e não se importassem de me ter presente e de as registar. Foi aqui que elas se aperceberam, ou que questionaram pela primeira vez, sobre o uso da câmara e sobre a exposição das suas vidas e das suas maneiras de viver e cultivar. Mesmo que se tenham questionado, ainda não percebiam o alcance da câmara, nem o processo de observação da minha parte ou qual seria a sua exposição, levando a que, pelo menos para já, não se confrontem com isso.

1.1.2. Abril/Maio

A cebola é plantada e os regos demasiado bem abertos e alinhados. A quantidade gigante de coisas para fazer e o trabalho árduo delas levaram-me a por a mão na massa e por isso comecei a ajuda-las. Lembro-me que estava na casa de Dona Ana, ela não foi trabalhar neste dia e aproveitou para plantar o cebolo, logo pela manhã. Foi buscar estrume numa carrela, vulgar carro de mão, e começa a abrir os regos. Enquanto planta a cebola fala-me de onde vinha o estrume. Alguém lhe tinha dito que o estrume de cão era bom para a cebola e, sem hesitar, experimentou, *“agora a ver vamos se dá boa cebola”*, disse ela. Depois de filmar alguns planos, os regos continuavam a ser abertos e a cebola a ser plantada, decidi parar de filmar, por um lado porque o processo estava a ser repetitivo e, por outro, porque ela começara a falar sobre o seu ex-marido e sobre os seus filhos, algo que não tencionava explorar cinematograficamente e portanto não valeira a pena filmar. Aproveitei para criar uma maior proximidade com ela e deixar revelar um pouco da minha pessoa também. Desligo a câmara e entro em campo. Surpreendida com a minha atitude e com o fato de eu saber plantar cebolo, diz-me: *“Afiml você sabe tudo, está visto que é uma mulher de vida”*, ao qual eu respondo em tom de brincadeira, *“Nem sei se considero isso um elogio ou não”*.

Dona Ana ganha aqui uma afinidade comigo. Eu, afinal, sabia do que ela estava a falar, não era apenas uma mera curiosa e isto mudou bastante a forma como lidou comigo. A verdade é que tal como elas, neste primeiro mês, eu também evolui com a nossa relação, deixei de observar para participar, entrei na vida delas. Para além do

processo agrícola e de todas as questões à volta da presença da câmara, havia uma evolução no nosso relacionamento, o que me leva a perceber que, tal como elas, eu estava envolvida no processo. Como tal, iria passar por todas as respetivas fases e sentimentos que me levariam a alterar posturas ou a definir uma postura, daquilo que eu sou e daquilo que elas são, ou entendemos como tal.

Para além da cebola, o tomate, o pimento, a alface e o pepino eram também plantados, tudo em regos compridos e perfeitos de modo a facilitar a rega, que não tardaria a começar.

O Senhor Alberto, como quase sempre, cortava erva para a ovelha, o que acabava por o entreter todo o dia. Uma das perguntas mais ouvidas neste período foi o Senhor Alberto a perguntar onde cortava a erva para as ovelhas. Realmente importava-se com a alimentação da única ovelha que tinham.

Por vezes, sentada nas leiras a filmar a paisagem ou os pássaros que lá cantavam todo o dia, ouvia:

Senhor Alberto: *Ohhh Ana! Ana!*

Dona Ana: *Quié?*

Senhor Alberto: *E a erva pás ovelhas?*

Dona Ana: *Oh Berto queres cortar erva pás ovelhas, corta!*

Senhor Alberto: *Aonde?*

Dona Ana: *Oh Berto, aonde? Tanta erva Berto, tanta erva!*

Assim se passavam os dias, com a repetição do cantar dos pássaros que haviam chegado com a Primavera, das rãs, dos grilos e até do Senhor Alberto que quase se igualava a eles com a repetição da questão de onde cortar a erva para as ovelhas.

Como já referi, no cimo da encosta vive Dona Ana com o Senhor Alberto e Dona Glória sozinha mais abaixo, mas isso não implica que não se ajudem nos trabalhos e até no passar do tempo. Costumam falar de leira para leira, Dona Glória de baixo ou Dona Ana de cima, lá se comunicam e organizam os seus dias. Nada acontece nesta

encosta que elas não consigam ver. Viradas para outra encosta lateral vêm e ouvem o apitar dar carrinhas que lá vão fornecer mantimentos.

Todos os dias às 11h vem a primeira carrinha, ouvimos buzinar ao fundo, continuamente. Com a rota já definida, chega e distribui pão em todas as casas. Mas este não é o único padeiro com aquela rota. Por voltas das 13h chega o segundo padeiro que, com o mesmo ritual de buzinar para avisar a sua chegada, também deixa pão em todas as casas. Perguntei porque ficavam com o pão de dois padeiros. Dona Glória respondeu-me que assim não fechava a porta a nenhum deles. Ambos lá vão há anos e “*temos é de agradecer eles cá virem*”, disse-me Dona Glória.

Para além destes dois padeiros, às terças-feiras vem também o merceeiro que com um apito ainda mais grave, vem ainda de mais longe a avisar a sua chegada. Sentada com Dona Glória no seu alpendre e ouvir este apito, significava uma caminhada até ao seu encontro. Este não subia a encosta, ficava só cá em baixo à espera que Dona Ana e Dona Glória lá aparecessem. Na verdade, estando elas a quilómetros de distância de uma paragem de autocarro e da própria cidade, este merceeiro era uma mais-valia para elas. Disseram-me que já o avô do senhor lá ia de burro há décadas atrás. Entre azeite e pequenos utensílios de cozinha, lá iam todas as terças feiras buscar qualquer coisa, para que ele não deixasse de lá ir. Diziam-me que nem sempre necessitavam de comprar, mas não podiam deixar de ir e provocar a ausência do merceeiro naquela encosta todas as terças feiras.

Tentei filmar o merceeiro, na sua carrinha com a sua esposa, que também o acompanhava. Na minha primeira terça-feira, fiquei a filmar em plano geral, do alpendre de Dona Glória. Na minha segunda terça-feira, decidi não filmar do alpendre em plano geral mais uma vez e ir ao merceeiro com elas ter uma primeira abordagem. Quando lá cheguei, a esposa do merceeiro referiu de imediato que eu não poderia filmá-los. Embora ainda não confrontada com a câmara, ficou assustada com a mesma e eu atrapalhada com a situação, pois a senhora nem me havia cumprimentado. Respeitei e nunca levei a câmara de todas as vezes que me dirigi à carrinha, pois não só respeito a sua decisão como compreendo que a senhora possa ter medo das consequências, sendo o negócio ilegal na medida em que não passam faturas nem existe nenhuma registadora. O que ela não me deu oportunidade de explicar é que num filme ninguém sabe o que é verdade ou não e assim eles nunca teriam problemas com as minhas filmagens, pois

estas poderiam perfeitamente ter sido encenadas. Foi a primeira e única vez que, ao longo destes sete meses, tive uma recusa à minha pessoa e à minha câmara.

Para além de Dona Glória, Dona Ana e Senhor Alberto, conheci também o Senhor Luís e sua esposa Dona Fernanda, a Dona Luísa e seu marido Senhor Vasco, os meus vizinhos, nomeadamente Dona Ana Maria e seu marido Senhor João, as duas senhoras que trabalhavam com Dona Ana e o Senhor Luís na quinta, a Dona Conceição e a Dona Ilda, e o dono da quinta, o Senhor Marques. Estas foram as pessoas com quem mais confraternizei durante estes sete meses.

O Senhor Luís, para além de caseiro na quinta onde estive hospedada, trabalhava também na quinta do Senhor Marques, tal como Dona Ana, Dona Conceição e Dona Ilda, que já referi. Este, por ter estado presente na Guerra do Ultramar, ouvia muito mal. Segundo ele, teria rebentado uma bomba perto de si. Para além de histórias do Ultramar onde me referiu que os africanos chamavam ao avião ‘caça da força aérea’, o passa-já-passou, contou-me também que há cerca de vinte anos atrás tinha criado o rancho folclórico da freguesia, rancho este que, segundo ele, estava agora extinto por desentendimento entre alguns membros. Cantou-me uma música muito bonita que utilizavam no grupo, enquanto lanchava com Dona Ana, a meio da sua tarde de trabalho,

“Deitei os olhos ao poço, só pra ver meu rosto, estavas a lavar.

Lava, lava lavadeira, estou na brincadeira, estou a namorar.”

Aqui, pela primeira vez, alguém cantou e foi um homem. Perguntei se não cantavam enquanto trabalhavam, ao qual Dona Ana me respondeu,

“ Uma pessoa sozinha cantava que ouvia-se lá longe, mas cantavam outros do outro lado, e nós também ouvíamos, era assim o tempo. Agora, se ouvir uma mulher cantar dessa maneira, dizem logo, ohh aquela anda tola, anda levantada, anda tola. Agora não!”

Ao mesmo tempo que Dona Ana me respondeu isto, uma senhora ao lado confirma e ainda refere que uma mulher que cante hoje em dia como antigamente se cantava dizem logo “*que ela anda ao boi*”. Esta expressão ficou-me na cabeça. Mais tarde perguntei novamente a Dona Ana se realmente também tinha esta opinião, ao qual me respondeu que os tempos hoje são outros e que antigamente trabalhava-se no campo de outra forma. Podiam estar isoladas mas todas as leiras eram trabalhadas e havia espírito de comunidade. As pessoas falavam de leira para leira e assim a solidão era combatida e a alegria no trabalho persistia, dando liberdade para as cantigas. “*Hoje são meia dúzia de gatos pingados, ta tudo ao abandono e ninguém quer saber de nada*”,. Enquanto me fala do ‘antigamente’, Dona Ana conta como, juntamente com os seus irmãos, ajudavam os seus pais que outrora foram caseiros de uma grande quinta na zona. Falou-me de como se geriam as terras, os animais e até como pagavam o arrendamento dessas quintas. Havia patrões, de classe média alta, que uma vez que se deslocavam para a cidade arrendavam-lhes as terras em troca de certa percentagem da colheita lá conseguida, em vez de as terem ao abandono. As famílias grandes, com cerca de sete filhos, teria assim mão-de-obra gratuita e por fim conseguiriam sobreviver apenas do que cultivavam.

Tanto Dona Ana como Dona Glória me referiram a fome que passaram e o quão cedo começaram a trabalhar no campo. Falam-me com orgulho e com inferioridade ao mesmo tempo, dizem-me que esta é a arte delas e que cada uma com a sua. Ao mesmo tempo, Dona Glória refere-me que são umas incultas que nem sabem ler, nem escrever. Ambas foram à escola mas só Dona Ana consegue ler. A forma como Dona Ana e Dona Glória se vêm a si próprias e aos seus estilos de vida variam. Dona Ana sente-se ainda uma jovem e diz-me que não tem vergonha nenhuma da sua vida e do que faz e que, na verdade, considera que é boa no seu ofício. Consigo realmente reconhecer isto na sua forma de expressar o amor que tem pelo cultivo e por fazer bem as coisas, como ela própria o diz. Dona Glória, uma senhora mais aberta no sentido de compreender e respeitar o outro, não consegue deixar de referir a quão campónia e serrana é. Fazendo uma interpretação primária, esta divergência parece-me demonstrar que, ambas irmãs, apenas com diferença de três anos, educadas da mesma forma, com a mesma infância e a viverem no mesmo local desde sempre, são duas pessoas com perspetivas diferentes das suas próprias vidas, identidade e ideia de cultura; perspetiva esta que, ao longo do tempo, se vai definindo e clarificando.

Estamos em Maio, as batatas já ramificaram e as vinhas necessitam do “*produto*”, como elas o referem. Combinam entre elas e lá se entreadjudam nestas tarefas; as batatas para o ano todo são muitas e o vinho também. As folhas das vinhas tornam esta encosta ainda mais verde e o sulfato de cobre é-lhes colocado para que não haja pragas. O estado português, há cerca de uns dois anos atrás, introduziu uma lei que obriga todo o agricultor que produza vinho a frequentar um curso e a comprar um fato para a aplicação deste sulfato nas vinhas. Dona Ana disse-me que conseguiu pagar apenas setenta euros pelo curso, pois o dono da quinta onde eu estava hospedada a inscreveu como membro de uma confraria, caso contrário teria que pagar cento e quarenta euros. De fato, este medicamento tem propriedades prejudiciais à saúde, mas a verdade é que toda a gente tirou o curso e ninguém usa o fato. Insisti com Dona Ana para que vestisse o fato e colocasse os óculos e logo me disse que não lhe dava jeito e que toda a vida o fez assim. Depois de cerca de dez minutos a Dona Ana, enquanto sulfatava a vinha, ia ficando cada vez mais azul. Os seus lábios, que outrora eram rosados, agora eram azuis e as lentes dos seus óculos já não eram transparentes, era impossível enxergar um “*palmo à frente dos olhos*”, como disse Dona Ana enquanto os limpava. Insisti tanto que ela colocou os óculos de proteção e um chapéu de palha. Dona Glória, enquanto mexia o sulfato num bidão com um pau, também não se protegia com luvas. As suas mãos ficaram ainda mais azuis que os lábios de Dona Ana. É impressionante esta despreocupação, mas acontece muito no mundo rural. É quase como se o fato de viverem num local longe da poluição fizesse com que pudessem levar com um pouco de sulfato de cobre, quase como um acerto de medidas.

O primeiro sulfato do ano é aplicado e repetir-se-á a cada quinze dias e o vinho do ano anterior começa agora a ser engarrafado.

Entretanto, a rama da batata já se vê e, por consequência, as ervas também. A primeira sacha é dada; Dona Ana e Dona Glória dirigem-se ao campo numa tarde de sol, de sachola na mão. Enquanto sacham e me falam da vinda do papa a Fátima e da imensidão de gente que lá vai estar, alagam os regos feitos anteriormente aquando à sua plantação. Dizem-me que o processo seguinte é estender palha entre as batatas. O terreno é inclinado e segundo elas necessitam da palha para manter a humidade por um maior período de tempo no solo.

“Deixar secar as ervas, e uma pancada de chuva em cima, é que era bom, era melhor que uma nota de cinquenta euros. Não, que a gente tem de lhe botar palha e picar a palha, senão a água vem e leva tudo. Picar a palha, para a água segurar a terra”.

Diz Dona Ana, enquanto se dirige a mim e, conseqüentemente, à câmara. Esta atitude de falarem e olharem para mim enquanto eu filmo mostra despreocupação perante a câmara, que inicialmente existia mas por outras razões. Depois de estar presente dois meses nas suas vidas, passei a fazer parte delas. Elas deixaram de agir como se eu não lá estivesse e começaram-se a dirigir a mim. Quiseram saber mais sobre mim e eu quis dar mais de mim. Acabaram por me introduzir neste processo e, dessa forma, no filme resultante do mesmo. Digo que me introduziram mas, na verdade, não foram só elas que o proporcionaram, eu própria o fiz quando decidi entrar literalmente em campo e ajuda-las a plantar as suas leiras. O que antes era ausente, a minha presença e a da câmara, agora é o foco da atenção.

1.1.3. Maio/Junho

As plantações acabaram e começaram as sementeiras. O campo está pronto a receber o milho e o feijão. Com um semeador antigo, enquanto uma puxa a outra empurra. Traçando regos, lá percorrem todo o terreno de um lado para outro a semear. O sol estava forte e até o Xano, gato de Dona Glória, vem-se esfregar na palha que se encontrava lá ao lado, para mais tarde espalhar no milho. Como no mês passado, o que foi feito às batatas com o intuito de manter a humidade na terra vai igualmente ser feito no milho. Até à colheita são muitos os processos ainda por fazer que, para além do cansaço que lhes dá, faz-lhes cair suor pela testa abaixo.

O amor e a dedicação à terra é sem dúvida o que as faz acordar todos os dias. Já podiam ter deixado de plantar milho, mas insistem, *“As terras também têm de ser trabalhadas e o tempo ocupado. Olhe, dá para ganhar algum.”*, diz-me Dona Glória.

O milho lá fica a germinar na terra, o calor aperta e as ovelhas têm de ser tosquiadas. Dona Glória tem um macho e duas fêmeas e Dona Ana apenas uma fêmea. A caminho da corte, aproveitam para colher cerejas. São muitas este ano e elas não

perdem oportunidade de tirar partido do que é delas e do que lhes dá prazer, comer debaixo da árvore.

Realmente comiam o que a terra lhes dava: quando havia vagens, era arroz de vagens, sopa de vagens, batatas cozidas com vagens; o mesmo dos restantes legumes que não se pudessem preservar para o resto do ano.

De barriga cheia, lá foram tosquiarem as ovelhas, e eu ali com elas, como sempre, seguindo as suas direções. Posicionei um plano geral para filmar a retirada da ovelha. Abrem a corte e com uma corda tentam tira-la; a ovelha salta e puxa tanto que as arrasta para o chão. O Senhor Alberto, sentado num fardo de palha à sombra, com um chapéu cheio de cerejas nas mãos, nada conseguiu fazer. Eu ali, atrás da câmara, questionei se entraria em campo ou não para as ajudar. Este questionamento deixou-me triste comigo mesma. Elas precisavam da minha ajuda e eu, em vez de ir sem questionar, hesitei uns segundos, acabando por entrar em plano e as ajudar com a ovelha. Aí percebi que deveria estar presente na totalidade, sem me preocupar com a ideia de estragar ou não os planos. Foi neste dia, quando cheguei a casa e vi o meu empasse em entrar em plano, que aceitei estar no filme. Já tinha compreendido que fazia parte do processo, mas do filme, lá no fundo, sabia que na edição poderia esconder. A verdade é que aqui eu percebi que não faria nenhum sentido esconder-me, podia até acabar por bloquear o próprio processo em si. Desde o início que decidi estar aberta a tudo que pudesse acontecer e neste momento estava a bloquear a direção que o processo estava a tomar. Antes que o bloqueasse totalmente, deixei-me entrar por completo. Esta decisão não foi tomada posteriormente, quando refleti sobre ela em casa ao ver as imagens no final desse dia, assumi-a no momento em que decidi entrar em campo para as ajudar.

Passando agora de observadora para participante, decidi deixar a câmara a filmar e sentei-me com elas, na encosta de uma leira. Enquanto comíamos laranjas que, incrivelmente em Junho, ainda estavam boas, Dona Ana pergunta o que é o pelinho que se vê em cima da câmara. Eu explico-lhe que se trata do gravador de som e que o pelo é um objeto de proteção de ruído para o micro. Surpreendida, diz-me que não me quer roubar a arte, mas sim percebe-la. Achei engraçada esta pergunta, embora se ela surgisse, tivesse de ser de Dona Ana que, sempre que tinha alguma dúvida, perguntava. Muitas perguntas foram feitas e sempre com um pedido de desculpa antes da questão, “*não vá ofender alguém*”, dizia ela. Percebi que era minha obrigação, já que iria passar mais quatro meses com elas, dar-lhes a entender “*a minha arte*”, como Dona Ana o

disse tantas vezes. Assim, enquanto Dona Ana cavava as bordas das leiras, que diziam elas ser os últimos preparativos da lavoira, perguntei-lhe se queria vir filmar enquanto passava eu a sachar. Inicialmente recusou mas acabou por aceitar e assim o fizemos, eu fui sachar bordas e Dona Ana foi filmar. Disse-lhe que podia mexer a câmara mas esta, tão estupefacta com o que estava a experimentar, só olhava para a câmara e repetia:

“Olha que linda que você está aí, mas sabe agarrar bem na sachola. Ui, eu ouço a rã como se ela tivesse dentro dos meus ouvidos. Você ouve lá longe, deus me livre!”

Esta era toda uma realidade que Dona Ana não conhecia e esta experiência acabou por fazer com que, a partir daqui, ela percebesse o que eu estava lá a fazer e o que eu conseguia alcançar. Apercebendo-se que eu ouvia tudo e que tudo ficava gravado, percebeu também que a sua maneira de estar, viver e pensar iria ficar gravada. Senti que foi aqui que começou o questionamento por parte de Dona Ana que, mais tarde, acabaria por suscitar na Dona Glória. Até então, nunca lhes tinha passado pela cabeça que iriam ser personagens de um filme, que alguém as iria ver, tal e qual como Dona Ana me estava a ver por aquela câmara. É aqui que se inicia um segundo período deste processo de trabalho de campo: o período em que estas refletem sobre as suas vidas e sobre a forma como as querem expor e eu me sinto culpada de as ter colocado nessa posição, algo que nunca imaginei que fosse tão doloroso, tanto para elas, como para mim.

Não posso deixar de mostrar aqui, o meu último apontamento no diário de campo, no final deste primeiro período do processo de trabalho de campo.

—eucacite-me
fora do Paredes de viadores, as
plantações acabaram. As batatas,
o cebolo, as alfaces, os tomates, os
pimentos, os pepinos, os feijões e
o milho já estão plantados. 
As ovelhas já estão tocuidadas,
as bordas cavadas, a terra lavada
e até o vinho separado. Agora é
tempo de pausa, pausa para pensar
na narrativa deste projecto um
princípio, meio e fim. Não tarde
~~seguir para~~ voltar para filmar a
manutenção, e as suas edheitas.

Figura 5

1.2. O Verão/ O Questionamento

Como referi no diário de campo, ausentei-me do local neste intervalo entre o primeiro e segundo período do processo de trabalho de campo. Depois da Primavera e de uma introdução no terreno, percebi que havia uma necessidade de refletir sobre a continuidade do projeto. Depois de me ter introduzido no local, o que faria a partir daqui; qual a minha posição a partir de agora e qual seria o princípio, meio e fim do documentário que resultaria deste processo.

Revi todos os ficheiros filmados até então e percebi que me faltavam planos que demonstrassem uma maior proximidade para com as duas personagens do filme que, na verdade, existia e não era demonstrada nos planos filmados até então. Este afastamento dá-se não só pelo fato da decisão de estar presente fisicamente no filme ser tomada apenas no final desta primeira fase, como também pelo fato de, até então, as personagens ocuparem maioritariamente o seu tempo com plantações e sementeiras, sobrando pouco tempo para momentos fora das atividades agrícolas. Para além dos dias estarem a crescer, a nossa proximidade também crescia. Esta circunstância tem

necessariamente de ser pensada e planeada, uma vez que o objetivo passa por representar cinematograficamente uma realidade.

Sendo o processo dirigido pelas personagens e não por mim, não poderia deixar de haver esta pausa e afastamento do processo de trabalho de campo. Parar e refletir sobre o que aconteceu até então e o que estava para vir foi, sem dúvida, uma boa estratégia para este intervalo de fases. Após cerca de duas semanas, voltei ao local e aí sim, encontrava-me com mais certezas do que já tinha registado e do que ainda precisava para retratar: a realidade que havia presenciado até então. Acima de tudo, estava preparada para o que ainda havia para descobrir.

Já passaram três meses, e até já almoçávamos e jantávamos juntas. Para além de filmar o processo agrícola, filmava também as nossas conversas, os nossos almoços, jantares e até idas ao monte ver o estado da mina para o início da rega. Filmava tudo e tudo ia acontecendo à minha frente consoante a forma como elas tinham organizado os seus dias.

Nunca pedi que repetissem qualquer ato ou discurso até então e isso era apreciado por elas. Numa conversa em que perguntei se lhes incomodava a minha presença, disseram-me que nunca interferi nas suas vidas e que sempre as respeitei. Coloquei-as numa posição de reflexão sobre as suas próprias vidas, logo não poderia continuar sem ter a certeza que também o queriam.

Olhando agora para trás, parece-me que foi esta atitude, não só a de nunca ter interferido na forma como elas trabalhavam e viviam, como também de ter sempre perguntado se poderia ou não estar ali, respeitando os seus espaços, que levou com que este questionamento sobre a minha presença e da câmara fosse apaziguado durante este processo.

1.2.1. Junho/Julho

O Verão começa e 2017 é um ano seco, a rega tem de ser feita e a manutenção do terreno também. As carraças agarram-se e eu pareço uma delas, não saio de lá. Dona Ana tira duas do peito e diz que não precisa de ir ao hospital, já não é a primeira vez, nem será a última. O milho e o feijão já rebentaram, as batatas, as cebolas, os tomates, os pimentos e os pepinos, já estão a meio do seu crescimento e a água é largada no cimo

do monte. Direta da mina, desce pelos regos construídos propositadamente para a sua passagem. Os objetos que utilizam para direcionar a água são torrões de ervas e farrapos que, num jogar de sachola, são colocadas no sítio certo. A água corre e o vento também. Com a plantação do milho foi colocado um cata ventos na casa de Dona Glória, segundo elas, para afugentar os pássaros. Os pássaros são muitos e comem tudo, mas aquele som da “*tramela*”, nome que davam ao cata ventos, a bater no ferro era tão ensurdecedor que me obrigava a gravar sem os auriculares nos ouvidos.

As regas são matinais nesta encosta, o sol nasce agora às cinco horas da manhã e Dona Ana, todos os dias antes de sair de casa para o trabalho, para além de preparar o pequeno-almoço para o seu irmão Alberto, abre a mina e faz correr água nas suas leiras. Direcionando a água, vai acordando e preparando-se para o dia de trabalho que aí vem. Eu ficava com Dona Glória, como sempre, a minha maior companhia. À sombra duma árvore lá estávamos nós apreciando a paisagem e desfrutando da paz vivida no local. Dona Glória, além do seu gato de estimação e das suas ovelhas, como já referi até então, tem também coelhos, galinhas e um cão. O cão, pela sua personalidade agressiva com os restantes animais, nomeadamente as galinhas, mantinha-se preso a umas correntes. Chama-se Alex e avisa sempre que alguém lá chega. Do gato, como Dona Glória refere sempre que ele mia, “*Coitadinho, diz sempre que não*”.

É quarta-feira, Dona Ana foi trabalhar para a quinta enquanto eu e Dona Glória cuidamos de Senhor Alberto que anda a cortar erva para a sua ovelha. Depois de regar, Dona Glória põe as suas três ovelhas fora da corte. Não só a Dona Glória, como também a Dona Luísa, senhora que cultivava umas leiras perto da encosta, levam sempre uma ovelha presa a uma corrente e as outras seguem atrás. Perguntei à Dona Glória porque prendia a ovelha e por que razão prendia apenas uma, ao qual me respondeu que era uma forma de as outras não saírem daquele local, assim não tinham a necessidade de vedar o espaço. Na verdade, até então, nunca tinha visto tal método de agrupar um rebanho.

Enquanto estas rapavam nas beiras das leiras, Dona Glória apanhava mais erva, não só para guardar para as ovelhas, como também para os coelhos. Todos os dias regava, alimentava os seus animais e lavava alguma roupa no tanque. A sua máquina de lavar avariou há uns anos atrás e diz não necessitar de uma nova. Com tanta tarefa, já é hora do almoço e de esperarmos que Dona Ana regresse do trabalho. A televisão é ligada e é aqui, como sempre, que existe um confronto de realidades. O que é

transmitido na televisão em nada diz respeito à vida que elas levam, mas em tudo diz respeito à atualidade do nosso país. A voz da Cristina Ferreira sobrepõe-se a tudo que possa acontecer naquela cozinha e, por fim, o telejornal começa abrindo as portas a uma realidade que, simultaneamente, pertence a esta que estamos a viver, pois está a ser lá transmitida, como em nada lhe diz respeito.

Como disse, hoje é quarta-feira e é dia de peixeiro. Para além de vir neste dia, vem também às segundas e sextas-feiras e, como de costume, avisa a sua chegada com a sua buzina. Todas as buzinas têm um toque diferente: a do merceiro às terças, dos padeiros todos os dias, do peixeiro às segundas, quartas e sextas. Ainda assim, as músicas da carrinha da ração para o gado e dos gelados, agora que iniciou o verão, são de fato de uma memória que julgava pertencer apenas ao meu passado enquanto criança mas, afinal, ainda pertence ao presente destes habitantes.

Dona Ana chega do trabalho e vamos almoçar já com as sardinhas compradas para o jantar. O centeio está pronto a cortar e elas, sem medo àquele sol de início de Julho, acabam de comer e vão para o campo cortá-lo para, de seguida, o emedar na eira. O Senhor Alberto estava num dia em que a medicação e a sua doença se sobrepunham à sua boa vontade, dizia que não tinha força e que os seus braços estavam podres.

Os ameixos caem das árvores e com ar de contentamento Dona Ana diz: “*foram-se as cerejas, vêm os ameixos*”. São ameixos brancos, pretos, vermelhos. É tanta variedade e quantidade que levo sacos cheios deles quando vou a casa visitar a minha família. Elas insistem sempre que eu leve tudo que esteja a ser colhido no momento, o que acaba por demonstrar um grande carinho e respeito por mim e a boa vontade destas pessoas.

À foicinha o centeio é cortado, e em movimentos repetidos, vão cortando a primeira colheita da época. O pior estava para vir, carrega-lo ao ombro até à eira, colocando-o em medas de modo a que o centeio consiga secar e ao mesmo tempo não seja comido pelos pássaros. De quatro em quatro molhos, amarrados com o próprio centeio, lá erguiam e levavam às costas, pelas leiras acima até à eira. Senhor Alberto, embora dizendo que o centeio ia cair, lá ajudou na sua levada. O fato de o terreno ser inclinado e em socalcos não facilita nada a entrada do trator. De qualquer forma a sua vinda seria um custo acrescido à produção. Molhos e molhos de centeio foram levados pelas leiras acima. Já na eira, enquanto emeda o centeio, Dona Ana diz para Dona Glória:

“Já estamos a colher Glória, já há pão para comer, começar a tirar batatas. Começar a haver centeio, já é bom sinal.”

Refere também que queria era ver o centeio já malhado, que ainda vai ser uma boa suadela até o centeio ser extraído, expressão usada por Dona Glória.

Dona Ana: *A emedar apanha-se sempre piolhos. Aiii já está o deste ano, mas não era assim que o queria ver. Queria vê-lo, oh olhe a palha como está aquela ali, e o grãozinho numa cestinha e levar para cima. Se deus quiser também há-de ir.*

Dona Glória: *Oh Ana!! Um bocadinho cada dia, vai tudo!*

Dona Ana: *Daqui por um mês vamos ver se o malhamos aqui.*

Dona Glória não podia parar, andava sempre de um lado para outro a fazer qualquer coisa, dizia-me ela que se parasse as suas pernas enferrujavam. Os momentos em que a vi parada eram momentos em que ela estava nitidamente a pensar na vida, quando eram duas da tarde e estávamos sentadas a “*ver as vistas*”, como dizia. Sendo demasiado o calor para ir trabalhar sentávamo-nos à sombra da sua garagem. Mesmo aí sentada, Dona Glória não se limitava a observar, mas debulhava feijões ou tirava umas ervas ao lado. Víamos o comboio passar, outras pessoas a trabalhar a terra e até falávamos sobre os escândalos políticos.

Foi ano de eleições autárquicas e para além da carrinha das rações com altifalante havia também as carrinhas representantes dos partidos da região. O caminho para casa de Dona Ana era ainda em terra, como ela morava mais acima, achavam eles que não era necessário alcatroar. Disse-me que durante anos não tinha luz na estrada para sua casa. Ia buscar todos os dias a sua filha à paragem e vinha o caminho todo às escuras. Disse-me que no inverno era terrível, como a noite caía mais cedo não se via nada na rua depois das seis horas da tarde. Há cerca de cinco anos atrás solucionaram o problema com uma puxada de fios do poste instalado mais abaixo no acesso à casa de

Dona Glória. A estrada ainda contínua de terra batida e ano após ano prometem resolver o problema.

Quanto mais o tempo passa, mais sei sobre elas e mais sabem sobre mim. Dona Ana fez questão de me apresentar os seus filhos, de quem tanto me fala, e Dona Glória também. Jantei com eles várias vezes e até da vida deles já sabia. Foi interessante para mim conhecer os filhos e os netos delas. Lembro-me que a primeira vez que jantei com os filhos de Dona Ana, senti-me muito triste. Senti que eles não davam o devido valor e respeito à mãe e avó que tinham. Diziam que ela era uma “*tola*” em cultivar e que ficava tudo muito mais barato comprado no supermercado. É uma verdade que, a meu ver, não podia ser dita daquela forma a uma senhora que tem tanto amor e prazer por aquilo que faz. Esta chegou-me a contar que os seus filhos não levavam quase nada da sua horta, nem ajudavam em nada no seu cultivo, como de fato pude confirmar. Nos sete meses que lá estive só os vi uma única vez a ajudá-la.

No jantar, o seu filho Victor e a sua filha Paula, foram muito simpáticos comigo, embora não possa dizer que o tenham sido com a sua mãe, que tivera todo o dia a trabalhar no campo e que até tinha o seu cabelo assapado de suar com o chapéu na cabeça. Já os filhos de Dona Glória sempre que podem ajudam e estão presentes na vida da mãe. Dona Glória, quando o seu filho chega da Noruega, sorri e transborda alegria. A angústia de ter o filho “*por esse mundo fora*”, como ela o diz, só é apaziguada quando este regressa. Com trinta e cinco anos, não se casou nem tenciona se casar, diz que “*mulher há só uma, a sua mãe e mais nenhuma*”. Sua filha Cidália e seu neto Carlos, vêm todos os domingos lá ter. Como o genro morreu há cerca de um ano e a sua filha não tem carta de condução, vêm à boleia de um casal amigo.

Assim todos os domingos, Dona Glória recebe a sua filha, o seu neto e o casal. Estes ajudam em trabalhos mais pesados, que Dona Glória não consiga suportar sozinha, e vão embora de mala cheia como se tivessem acabado de ir ao mercado.

Ao contrário de Dona Glória, Dona Ana nunca sabia quando os seus filhos a vinham visitar. Com o seu telemóvel na cintura, lá esperava todos os dias por um telefonema da parte deles.

Os desabafos de Dona Ana pelo comportamento dos seus filhos e o desabafo de Dona Glória pelas suas dores nos joelhos fizeram de mim uma ouvinte e uma confidente na vida delas. Quando questionaram a minha presença e o poder da câmara,

questionaram a minha presença ali enquanto pessoa de boa ou má vontade. Lembro-me que referiram várias vezes nesta altura que “*caso não gostassem de mim já me tinham posto dali para fora*”. Como já mencionei, o fato de estar com elas, ouvi-las e, acima de tudo, participar nas suas vidas, não só passivamente como ativamente, fez com que criassem laços de amizade e companheirismo comigo. Passei a ser uma boa companhia e começavam agora a estar habituadas à minha presença e até a sentir falta dela.

Quando voltei das duas semanas de pausa, em que estive ausente, estas receberam-me de braços abertos, dando-me um grande abraço. Foi neste momento que começamos a dar abraços sempre que eu entrava e saía daquela encosta. Eram abraços realmente muito bons, de um carinho e respeito mútuo. Nunca lá cheguei de mãos vazias e nunca de lá sai sem nada levar. Quando digo isto, não me refiro apenas a objetos palpáveis e visíveis.

1.2.2. Julho/Agosto

O calor aperta cada vez mais e nas notícias do telejornal já só se houve falar que Portugal está a arder. Estando nós numa encosta, onde para cima é monte, a preocupação que ali comece a arder não tarda a ser o centro das atenções da população. No cimo do monte há um posto de vigia. Já lá fui em tempos, quando lá acampeei, mas agora só me dava vontade de lá voltar. Não só porque a vista é sem dúvida alguma grandiosa, sendo possível de lá avistar quatro distritos, Porto, Aveiro, Viseu e Vila Real, como também pela expectativa de encontrar o vigia que lá estava da última vez que lá fui.

Assim, desloquei-me ao cimo do monte e lá encontrei o posto de vigia, agora com outro senhor. Ao princípio não me queria deixar subir, dizendo que só eram permitidos funcionários da Proteção Civil. Depois de cinco minutos à conversa lá me deixou subir e até filmar. A vista é lindíssima e o pôr do sol estava quase a acontecer. Haviam alguns incêndios, nomeadamente em Penha Longa, freguesia de Marco de Canaveses, e via-se também ao longe em Vila Real uma nuvem de fumo. O fumo estava no ar, parecendo até nevoeiro. O senhor insistia que este não seria o melhor dia para filmar. “*Os incêndios são horríveis e não tem interesse nenhum ver estas montanhas com este fumo*”, dizia ele. Eu, sem contestar, continuava a filmar aquelas lindas

montanhas. Como não havia movimento na câmara, este perguntava-me várias vezes se estava a tirar fotografias ou a filmar. Dizia-me ele que não ‘fazia sentido’ filmar planos fixos de paisagens, que só o movimento do fumo não seria suficiente para dar movimento ao plano. Já não era a primeira vez que alguém me diz o que devo ou não fazer enquanto estou a filmar, nestes quatros meses que já passara. O senhor Luís foi sem dúvida a pessoa que mais sugestões me fez. Não só me dizia o que era importante filmar nos processos agrícolas, como também me chegou a dizer, enquanto fazia a enxertia com Dona Ana na quinta onde trabalhavam, que eu estava a filmar em contra luz e que assim ele ia estar escuro em plano. Esta intervenção suscita-me a sensação de que o meu trabalho não é credível para estas pessoas, não sei se pelo fato de estar sozinha a filmar, se pelo fato de quebrar ideias pré-concebidas do cinema, como o contra luz. O fato é que sempre que acontece, acaba por demonstrar a forma como estas pessoas vêem o cinema e a sua realização.

Depois desta visita ao posto de vigia, percebi que lá tinha de voltar pela visão de cima que este me dava das coisas e pelo questionamento do que lá em baixo se passa. Não sabia se iria usar estas imagens e se de fato o posto de vigia se relacionava com aquelas pessoas que filmara até então e com o local, mas sabia que gostava de lá estar e tendo isso em conta, não teria porque não voltar.

Enquanto Dona Glória e Dona Ana rezavam para que o fogo não lhes chegasse à casa, neste verão tão seco e duradouro, o vigia lá fica toda a noite e todo o dia, à espera que algo acontecesse. Da próxima vez, a ver se encontro o senhor que em tempos lá encontrei e que nunca vou esquecer, foi de uma simpatia incrível.

As ramas das batatas já estão secas, está na hora de as colher. O Senhor Luís corta-as com a roçadeira e, numa manhã de muito nevoeiro, lá vou eu com Dona Ana e Dona Glória ajudá-lo e à sua esposa, Dona Fernanda, a tirar as batatas. O sol não se via e o nevoeiro subia do rio Douro que passa lá ao fundo. De sachola na mão lá vamos em direção ao terreno; não víamos “*um palmo à nossa frente*”, como dizia Dona Glória. Cheirava-me a fumo mas não era do incêndio que ocorria na freguesia ao lado, devia-se ao fato de alguém ter aproveitado o nevoeiro para fazer uma queimada e assim não ser multado. Quando chegamos ao campo de Senhor Luís, este fato foi comentado. Já lá se encontravam mais quatro mulheres que, com ar muito natural, dizem que se tivessem em casa também elas aproveitavam o nevoeiro para fazer queimadas. Dona Ana e Dona

Glória que vivem à beira do monte dizem, com ar de quem não está de acordo, que não o fariam nem acham bem que alguém o faça, com tanta gente a morrer queimada.

A tirada das batatas começa. Senhor Luís, com muita calma, tira as ramas das batatas e com o seu trator carrega as batatas que as mulheres colhem. Mais uma vez as mulheres com a sachola nas mãos e o homem com o trator e, como sempre, o homem canta e as mulheres não. Torno a repetir a questão de só os homens cantarem e o senhor Luís diz-me que temos de combinar “*deitar um cantareu*”. Sem saber do que ele me falava, perguntei o que seria um cantareu, e este respondeu-me que em breve o iria ouvir. Cantareu é uma forma de cantar daquela zona, onde existem duas vozes diferentes e até um falsete. Este cantareu acabou por ser a única situação encenada durante este processo, tendo acontecido por sugestão do Senhor Luís que, como já referi, foi quem, propositadamente, mais insistiu em dirigir estas filmagens. Dona Ana e Dona Glória dirigiram mas com o desenrolar das suas vidas. Nunca me pediram para filmar o que quer que seja, a não ser um raminho cheio de cerejas ou até uma boa cebola. Efetivamente, nunca me pediam para filmar, diziam em tom de observação: “*Olhe que lindo raminho cheio de cerejas, para você filmar*”. Já o senhor Luís referia que havia coisas que não interessavam filmar e que outras eram importantíssimas. A direção de Dona Ana e Dona Glória acabava por ser instintiva, a direção do Senhor Luís era pensada. Realmente, o Senhor Luís queria que eu fizesse um filme sobre o vinho e sobre todos os seus processos, sendo que Dona Ana e Dona Glória pouco lhes interessavam se eu estava ou não na altura em que elas faziam a colheita das batatas, ou o que fosse feito do ciclo agrícola. Quando lhes perguntava o que iam fazer nunca me sabiam responder, diziam-me sempre que seria quando houvesse tempo. Não era para elas importante que eu lá estivesse naqueles momentos para filmar, mas sim que eu lá estivesse.

A meio desta tirada de batatas houve um lanche onde chouriça, vinho, pepinos salgados, pão e queijo não faltavam. Com grande carinho insistem que eu coma e beba. O Senhor Luís faz sempre questão que eu beba do seu vinho. Falam dos javalis que comem o milho e dos texugos que levam o feijão. O senhor Luís não semeava milho há cerca de três anos, diz que o javali lá costumava ir. “*Pró ano, se o javali me guardar respeito, semeio outra vez, senão, nunca mais.*”, dizia ele, enquanto lanchava-mos. Eram apenas nove horas da manhã e a fome já apertava. Mais hora e meia, agora com a minha ajuda, e a tirada de batatas acaba; tudo é carregado para o trator. Já não há

nevoeiro e o sol atinge os trinta e cinco graus. Estamos em Agosto e o caminho até casa vai ser longo.

Enquanto Dona Ana e Dona Glória dizem que não ao almoço em casa deles e decidem por onde subimos até à encosta, eu filmo. Ao fim de quinze minutos, a minha câmara desliga e deixo a gravar o som. Dona Ana combina com a sua colega de trabalho para o dia a seguir e eu, enquanto isso, pergunto a Dona Glória se quer ouvir nos auriculares. Dona Ana, como já referi, já tinha experimentado, mas Dona Glória só havia ouvido a descrição de Dona Ana. Assim, depois de insistir para que ouvisse, ela aceita. Ao colocar os auriculares nos ouvidos, assusta-se com tanto barulho e confirma que, como Dona Ana já tinha dito, ouve-se tudo. “*Se eu der um peido, você ouve*”, disse Dona Glória. Esta foi a sua vez de perceber o meu alcance mas, em todo o caso, já confiava em mim e sabia que em nada eu as prejudicaria. Por vezes, durante a sua espontaneidade, dizia palavões, dizendo logo de seguida, “*Você depois tira isso*”. Dona Ana era muito mais cuidadosa no que toca ao seu discurso e à sua presença em frente à câmara. Dona Glória era uma pessoa já de si mais espontânea e sem preocupações do que os outros pensam ou venham a pensar. Muitas vezes, Dona Ana reprimia Dona Glória, dizendo que lhe ficava mal falar assim. Esta respondia que era serrana e campónia e que não era por dar boas palavras que ia mudar isso. Dona Ana seguidamente respondia que não se auto identificava como tal, “*Trabalho no campo, mas não é por isso que sou menos que os outros*.”, dizia ela.

Estes são os momentos em que eu percebo que realmente mudei a vida delas, eu fiz com que elas tivessem esta questão presente nas suas vidas. Pensar no que elas são e no que mostram ser não era até então uma reflexão presente nas suas vidas. Senti-me e sinto-me culpada por isso, não queria colocar-lhes um espelho à frente, embora fosse óbvio que tal poderia acontecer nesta situação.

Tirei-lhes algumas fotos e um dia revelei-as, comprei um quadro e entreguei-lhes. Elas não tinham percebido que as tinha tirado, nem tão pouco da minha intenção de lhas oferecer. Foi uma surpresa tão grande para elas que quase choraram quando se viram no quadro. Dando-lhe beijos no vidro repetiam, “*Oh Cláudia, Obrigado. Você não sabe o carinho que lhe temos. Como é que a gente foi ganhar assim uma amiga*”.



Figura 6 e 7 – Fotografias utilizadas nos quadros citados anteriormente.

Não queria conquista-las com este presente, uma vez que já o tinha feito naturalmente. Queria apenas que percebessem que eu realmente tenho um carinho muito grande por elas. Abraçaram-me e beijaram-me, disseram também para eu nunca as abandonar, e eu chorei neste momento.

1.2.3. Agosto/Setembro

Estamos em Agosto, o centeio é malhado e a cebola já esta fora da terra. Consoante as luas lá se vão guiando, dizem-me que de lua cheia se planta e de lua nova se colhe.

Numa tarde de muito calor, o centeio é espalhado na eira. Dona Ana e Dona Glória, alinhadas com o mangual nas mãos, elevam-no tão alto que, ao girar sobre si e com o impulso que dão, este cai com tanta força que a semente acaba por sair. O suor cai-lhes pela cara abaixo enquanto, repetidamente e em movimentos coordenados, malham o centeio. A imagem é linda e a sensação que se obtém do bater do mangual no centeio e por consequência na eira feita de pedra, é inexplicável. Sente-se a dureza do trabalho e a persistência que se tem nele. Esta atividade poderia ter sido feita por uma alfaia agrícola, anexada a um trator, mas não justificava o dinheiro que teriam de pagar a um tratorista, disseram-me elas.

“Nós ainda fazemos muita coisa à moda antiga”, referia muitas vezes Dona Glória. O fato é que usam objetos e formas de trabalhar a terra que outrora foram predominantes na agricultura mas a verdade é que estes objetos e estas formas de trabalhar a terra ainda estão presentes no nosso país e não podemos, portanto, dizer que

são pertencentes a um passado. Referi isso algumas vezes quando Dona Glória juntamente com a expressão citada anteriormente me dizia que era antiquada e atrasada.

Esta necessidade de enfatizar o passado e desvalorizar o presente existia no discurso não só de Dona Glória e Dona Ana, como de toda a gente que me cruzei no local. Todos declaravam que antigamente o agricultor era valorizado e que as pessoas viviam felizes na agricultura. Contavam-me várias vezes que passaram fome e que trabalharam muito, mas que havia respeito pelo agricultor.

“Hoje vai tudo ao supermercado e não querem saber de onde é que aquilo vem. No meu tempo as pessoas davam valor ao que comiam e sabiam o trabalho que dava cultivar aquilo, agora ninguém percebe nada de agricultura, nem quer saber.”,

disse-me Dona Ana, enquanto tirava-mos as suas batatas, numa bela tarde de Agosto à sombra de uma ameixoeira.

Embora este assunto tenha estado sempre presente durante este processo, não fosse a agricultura a vida delas e a narrativa base deste processo, o tema aqui ganhou outras proporções. A minha presença tinha-lhes suscitado a memória, não só porque se deram a conhecer a outra pessoa, mas também pelo fato de se terem confrontado, com elas mesmas. O fato de Dona Glória se minorizar levava Dona Ana a adquirir uma postura defensiva. Ao mesmo tempo que Dona Glória me diz que é campónia e que nada sabe para além da agricultura, Dona Ana realça o fato de saber de agricultura. Diz-me que cada um com a sua arte, uma vez mais, e diz-me também que a cultura dela é esta.

Dona Glória: *Aqui a nossa terra é atrasadinha, Ana!!*

Dona Ana: *É atrasadinha nada, eu não me considero atrasada.*

Dona Glória: *Ai não Ana!*

Dona Ana: *Nós não temos a cultura de quem estuda, já se sabe que quem estuda tem de ter outra cultura! Agora, considero as pessoas que não têm cultura, as pessoas que são mal educadas e criticam os outros sem saber!*

Dona Glória: *Ai eu nunca fui mal educada, nem nunca fui chamada a escola por os meus filhos serem mal educados! Graças a Deus Nosso Senhor!*

Dona Ana: *Nós temos educação dentro daquilo que aprendemos, mas somos umas pessoas que não temos cultura de outras coisas. A nossa cultura é isto, é a terra! Mas dentro da cultura que temos, se tivermos educação, somos verdadeiramente aquilo que somos! Porque há pessoas que em ter um bocadinho de cultura, já se exhibe, ou por ter um carro novo, já são mais que fulano, não!!! A gente não deve esticar mais que a cama. Deve viver dentro do ambiente que tem educadamente, porque eu quando acho que às vezes falo, que até será errado, eu antes até pergunto. Olhe eu até vou dizer uma coisa, mas desculpe lá se estou errada! E falo pronto. Eu acho que faz parte da educação. Agora que nós não sabemos discutir qualquer coisa, sobre qualquer coisa, não sabemos discutir. Nós sabemos discutir sobre o nosso trabalho. É o nosso trabalho que sabemos discutir! Agora dentro. É o que digo muitas das vezes, Há pessoas que têm muita cultura de muita coisa, sobre muita coisa. Mas se lhe puserem uma enxada nas mãos, eles nem tão pouco sabem pegar nela. Põe-lhe a mão ao pé do olho e o nariz no chão. Você não diz que eu levava a sachola levantada no ar? É o meu estilo.*

Enquanto encabam cebolas debaixo de chapa num dia de calor tremendo, lá falávamos nós sobre cultura e educação. Gostei das palavras de Dona Ana e da forma como ela valoriza a sua cultura. Sei que lá no fundo Dona Glória também sente este orgulho pela agricultura, embora o sentimento de abandono e solidão seja mais forte para ela. O fato de não se poder viver da agricultura como se vivia há anos atrás e de o interior estar a ficar despovoado, faz com que Dona Glória veja o seu trabalho e, por consequência a sua cultura, com mais desânimo e com menor valor. No entanto, a alegria que tem em conseguir cultivar e colher no seu terreno é tanta que nem consegue tomar a decisão de ser operada ao seu joelho, pois terá de abandonar o cultivo por um ano.

Depois de um Agosto abafado, vem um Setembro igualmente quente. Com a cebola, a batata e o centeio já guardados, o tomate, a alface, o pimento e o pepino continuam a dar sem parar. Até a senhora que lá veio tentar vender produtos de limpeza,

teve direito a levar um cabaz para casa. De fato, aqui enquanto se cultivar haverá sempre alguma coisa para comer.

Os figos estão agora prontos e são da melhor espécie que alguma vez comi na vida. Pequenos e saborosos, até a pele comiam. Debaixo da figueira lá aguardávamos melhor tempo para cortar as pontas do milho. O vinho já tinha cor mas ainda não amadurecera o suficiente. Este ano as vindimas são no final de Setembro e a desfolhada no início. Dona Ana, que iniciara mais cedo a sementeira, também começara mais cedo a colheita. De pé, com a ajuda do Senhor Alberto, esfolham todo o milho semeado há cerca de três meses atrás. Diz-me que há várias maneiras de colher o milho, ela prefere assim porque vai colhendo aos poucos e depois corta a cana toda. Já Dona Glória colhe-o todo de uma vez e espera que o seu filho volte da Noruega para que este, com a roçadeira, consiga cortar a cana enquanto o milho é esfolhado ao mesmo tempo.

Assim, num belo sábado, Dona Glória chama a sua família toda. Os seus irmãos estão com ela, os seus filhos também, o seu neto e até eu lá estava. A colheita estava quase terminada e esta contente com o rendimento dela e com a ajuda das pessoas mais importantes da sua vida, canta pela primeira vez.

“Acabou-se amor acabou-se, acabou-se a nossa alegria. Tenho pai tenho filho tenho tudo, só me falta o amor de Maria”

O seu ar de contentamento era tal, que neste dia tinha força para tudo, levantava sacos de espigas de milho como se de algodão se tratasse. Percebi que o mais importante para Dona Glória era ver os seus familiares não só bem como a seu lado, juntamente com um bom ano de colheitas. Quanto mais milho tiver, mais milho consegue vender. É das poucas coisas que as pessoas ainda lá vão procurar. *“Sabem que o milho de Dona Glória é bom”*, dizia-me ela, referindo-se a si mesma, como sempre, na terceira pessoa.

O milho é esfolhado e levado para o espigão. Dona Glória ainda tinha o espigão e a eira, que Dona Ana também acabava por usar. O espigão ficou cheio de milho que irá ser malhado, mas desta vez pelo trator, a quantidade é muita e como há procura já compensa pagar ao tratorista.

Neste dia conheci o neto de Dona Glória, “o *Carlinhos*”, como ela lhe chama. Este, muito curioso com a minha presença e com a da câmara, passou o tempo a fazer-me perguntas. Quando percebeu que eu conseguia ouvir tudo, começou a sussurrar de forma a perceber o meu alcance. Aqui, pela primeira vez, não estive aberta ao que aconteceu. Eu queria filmar a colheita do milho e a conversa que estavam a ter e ele insistia em passar na frente do plano a sussurrar. Provocou em mim uma raiva que tenho vergonha de admitir. Até então nunca me tinha acontecido. O fato de ele estar curioso com a câmara era normal e eu podia ter olhado para essa atitude de uma outra forma mas, em vez de observar, tentei ignorá-lo e até o mandei calar. Pela primeira vez privei alguém de fazer o que bem entendia na minha presença. Nesse dia, quando cheguei a casa, senti-me envergonhada pela minha atitude, mas já nada havia a fazer. Esse mau estar estava presente nas imagens, eu sinto-o e quem me conhece também.

O fato é que ele ficou mais maravilhado com o mundo cinematográfico que a sua avó que, mesmo sem saber ler nem escrever, não se surpreendeu nem tão pouco se assustou com a presença da câmara. Seja por ignorância ou por sabedoria, o fato é que são duas reações plausíveis, de duas pessoas com oportunidades e fchas etárias diferentes, absolutamente divergentes. Já o neto de Dona Ana, com cerca de vinte e dois anos, reagiu à minha presença como se de uma telenovela se trata-se. Para mim foram estranhas estas duas reações. Quando Dona Ana me dizia que não tinha a mesma cultura de quem estuda, estava a referir-se a uma ideia de cultura tendo como base a educação. Este caso demonstra, a meu ver, que não se pode medir a cultura pelas habilitações escolares. Ambas têm menor escolaridade que seus netos e ainda assim ficaram menos surpreendidas e equivocadas em relação à minha presença e à da câmara. Isto só demonstra que o conceito de cultura baseado na ideia de cultivo, não pode ser dado como verdadeiro, mas sim a ideia de experiência e vivência podem ser bases deste conceito.

1.3. O Outono/ A Reflexão

Inicia-se aqui a despedida, já estamos a final de Setembro, a vindima está à porta e acaba-se assim a colheita deste ciclo. Elas sabem disso e eu também. Triste com isso, o meu silêncio permanece e elas percebem. Perguntam-me se estou bem, dizem que

ando muito calada, digo-lhes que sei que me vou embora e que por isso estou triste. Elas dizem-me que tristes estão elas, que lá vão ficar sozinhas e cada vez mais velhas. Eu choro e elas choram também, o vinho escorre pelo lagar e, para lembrar velhos tempos, o senhor Luís, como já referi, marca o cantareu para eu filmar. Primeira cena encenada em que três senhoras cantam para mim e eu sem saber o que fazer, gravo. Não ia, portanto, negar a direção do Senhor Luís neste projeto.

A despedida é triste e vou deixar de acordar naquele local maravilhoso, mas aqueles abraços, nunca deixarei de os ter.

1.3.1. Setembro/Outubro

Todas as vindimas na zona estão a ser feitas, o que significa que Dona Ana tem trabalhado todos os dias a vindimar na quinta. O seu patrão, o Senhor Marques, muito simpático, ligou-me e disse-me que se lá quisesse ir filmar, teria todo o gosto em me receber e eu claro que fui.

Tal como habitual, o Senhor Luís, a Dona Ana, a Dona Conceição e a Dona Ilda lá estavam a trabalhar e como a colheita era grande e urgente estavam mais cerca de dez pessoas a vindimar. Entre piadas e opiniões, lá me disseram que iria haver uma mesa à parte para os não trabalhadores. Percebi que, nesse mesmo dia, havia mais convidados para o almoço. O presidente da Câmara Municipal de Marco de Canaveses, o presidente da Junta de Freguesia de Paredes de Viadores e seus camaradas, todos eles em campanha eleitoral, lá apareceram. As eleições autárquicas estavam à porta e os altifalantes das carrinhas com propaganda eleitoral substituíram a tramela que afastava os pássaros do milho e, tal como os trabalhadores me disseram, não se sentaram na mesma mesa que eles. O cabrito foi servido e até cantigas ao desafio houve no final. Vim-me embora com Dona Ana que a caminho me referiu que pobre é aquele que não sabe o seu lugar. Ela estava possessa pois, mais uma vez, aproveitou para falar com o Presidente da Junta de Freguesia acerca do caminho de sua casa e, mais uma vez, disse que se ganhasse, o fazia. Ela sabia que não era verdade, disse-me que já há quatro anos atrás não votou nele e “*nunca na vida*” iria votar outra vez.

A vindima na quinta do Senhor Marques não termina e o vinho de Dona Ana e Dona Glória está pronto a ser colhido. Combinado o dia, Dona Ana convoca a sua

família que, pela primeira vez, a vem ajudar e Dona Glória convoca a sua que, como sempre, não lhe falha.

Estamos no final de Setembro, são oito da manhã e já estamos todos reunidos para começar. De manhã vindimamos toda a vinha de Dona Glória e à tarde a de Dona Ana. A uva é colhida em escadote e colocada numa cesta, depois de cheia descemos o escadote e colocamos nos baldes, onde são transportadas para o lagar. Dona Glória está mais uma vez feliz como no dia da desfolhada. Não lhe falta nada, estão todos com ela. Já no lagar, o vinho é ralado com um ralador elétrico e posteriormente pisado por pernas que ficam a escorrer vinho. Enquanto um senhor amigo da família e o seu neto pisam o vinho, Dona Glória e esposa desse mesmo Senhor, com alguma nostalgia comentam como era antigamente esta atividade.

Senhora : *Quando era novita, eles agarravam-se ali assim às beiras do lagar a cantar.*

.....

Dona Glória: *E quando andávamos prai na brincadeira e agarrávamos no cu umas das outras e pumba no chão. Ai tempo, tempo! Agora não presta!*

....

Senhora: *Quantas vezes eles iam para vestir a roupa, ao sair do lagar, ou calçar os sapatos e estavam cheios de coisas, que púnhamos na brincadeira.*

Dona Glória: *Uma vez meti-me debaixo da cama e tudo... Nós eramos novas, havia aquela rapaziada, aquela juventude com muita garra, agora não, não há nada disso.*

Senhora: *É, agora não! E nós, íamos para um sítio assim mais alto, onde tivéssemos ensaiado, para se ouvir cantar ao longe, assim sabia-se que ali havia baile.*

...

Senhora: *Ouvia-se ao longe! Os rapazes ouviam cantar e sabiam que naquele sítio havia baile, tanto nas vindimas como nas desfolhadas.*

Dona Glória: *É!! Á noite cantava-mos e os rapazes vinham-nos procurar.*

Senhora : *Era bonito era!*

Assim, acabam as vindimas, com a nostalgia de um passado que não volta mais.

O Senhor Luís ligou-me para que eu fosse à casa dele, quando lá cheguei este estava a tirar o bagaço do lagar, para a prensa. Falou-me do cantareu que desejara que eu filmasse e acabou por cantar ali com a sua mulher algumas músicas para mim. Dona Fernanda, esposa de Senhor Luís, dizia que ele não sabia cantar, que cantava sempre à sua maneira e não seguia a música como ela realmente era. Eu ouvi e gravei tudo. O Senhor Luís diz-me que para se filmar tem de ser a sério e tem de se repetir, porque à primeira não sai bem. Assim repetiram e repetiram sem que eu pedisse nada. Ele perguntava-me se estava bom, eu dizia, *‘para mim está ótimo desde o início’* e ele respondia:

“Nós não cantamos bem, ou vai com qualidade ou então não. Corte isso. Se é para filmar, tem de ser a sério, vamos lá repetir.”

No entanto, o cantareu que o Senhor Luís queria que eu gravasse era composto por três senhoras com três tons de voz diferentes. Assim foi, combinámos que no dia a seguir as três senhoras escolhidas por ele viriam ter a minha casa para se filmar a única situação encenada deste projeto.

Sem saber o que seria o cantareu e sem saber quem seriam as senhoras, lá esperei por elas. Quando chegaram, pediram-me para ensaiar primeiro. Eu filmei o ensaio e estas, ao perceberem que o estava a fazer, disseram para não filmar já que estavam apenas a ensaiar. Eu referi que era só por segurança, pois às vezes o ensaio corre melhor que a própria encenação em si. Assim se verificou, enquanto estas ensaiavam, descontraídas com a minha presença e com a da câmara, cantaram muito bem, quando lhes aponte a câmara de frente foi uma desafinação por completo. Até as senhoras referiram que de fato ainda bem que as filmei a ensaiar, pois a encenação ficou horrível. Mais uma situação em que comprovo que, quando as pessoas sabem o que estou a filmar, as coisas decorrem de outra forma, é uma certa responsabilidade que

induz um nervosismo que não consegue ser controlado, provocando uma realidade dispersa.

O Setembro a terminar e o Outubro a começar, fui novamente ao posto de vigia, antes que o verão terminasse e já não encontrasse lá ninguém. Quando lá cheguei, percebi que estava a ir mesmo no último dia de trabalho dos vigias e estes, contentes com isso e despedindo-se dos colegas e do local, estão a fazer uma churrascada. Depois de beber e comer com eles e ouvir histórias de javalis e de namorados que lá passam, lá fiquei sozinha com o senhor que faria o turno da noite. Este senhor fora o primeiro que lá encontrei, já há alguns anos atrás. Muito simpático oferece-me tudo que tem, até a sua vista pelo binóculo. Quando percebo, está-me a apontar os binóculos para um casal que todos os dias vinha ali namorar. Estavam dois carros ao longe parados, com uma manta atrás dos mesmos. Namoravam como sempre e, com uma bonita expressão, o senhor diz-me: “*Aqui também se vê cinema menina*”. Adorei perceber o que entretém estes senhores que no cimo do monte vigiam Portugal durante cinco meses todos os anos e perceber aquilo que entendem por cinema, tanto aquele que me sugere que um plano parado não tem conteúdo, como o que me diz que observar por aqueles binóculos o casal de namorados que lá vai, também é cinema.

No dia seguinte, depois de filmar mais uma vez um lindo pôr-do-sol no posto de vigia, Dona Glória está com problemas na sua água e, rumo à resolução do problema, vamos ao cimo do monte ver o que se passa com a sua mina. Nesta encosta existe muita água, que é subdividida pelos habitantes da zona. Quando lá chegamos percebemos que na fonte está tudo bem. Afinal tinham sido os madeireiros que, ao cortar as árvores, deixaram paus a estrangular um tubo que dirigia a água da mina para a sua casa. De regresso a casa diziam-me elas que nunca vão ao monte sem levar lenha. Com tanta lenha em casa, não conseguem passar por ela sem a levar. Assim foi, às costas, lá trouxeram um tronco cada uma. Enquanto pegava no tronco, Dona Glória pegava também na sua perna que sozinha já não levanta. Mesmo assim o tronco não ficou para trás. Os hábitos e a necessidade de nada desperdiçar, leva-as a continuar constantemente a trabalhar e a ‘acartar’ como quando eram jovens.



Figura 8 – Fotografia tirada enquanto Dona Glória e Dona Ana desciam o monte com os paus às costas, como acabei de o referir.

Agora com mais tempo, depois de todas as colheitas feitas e felizes com isso, passávamos dias a conversar e a observar a paisagem. A tristeza pelo final da minha estadia estava presente e com ela vieram os desabafos. Já não existia nenhum questionamento, apenas a reflexão.

Dona Glória falou-me do quanto já sofreu, de já ter passado fome e de como lutou na sua vida. Com esta conversa choramos as duas. Foi um dia muito triste para mim e para a Dona Glória também. Comigo lembrou todo o seu passado e isso fez com que ela sofresse, algo que não queria que acontecesse. Almoçamos juntas e esta com muita tristeza diz-me, *“Vai-se embora e nós cada vez mais velhas”*. Esta frase fez-me perceber que as coloquei numa perceção de tempo e que essa reflexão as fez sofrer. Isto deixou-me muito triste, não queria que com a minha presença lhes fizesse emergir tantas sensações negativas. Sei que tais sensações fazem parte da vida, mas não queria ser eu a causadora delas. Para elas, já não existia a câmara, já só existia a reflexão das suas vidas e a preparação para mais um inverno, onde o cultivo é menor e o lucro também.

No último dia, combinámos almoçar e jantar juntas e nada fazer no campo. Passámos assim o dia a conversar e, com afirmações de que lá voltaria e que a partir de agora nunca mais se veriam livres de mim, fui-me embora. Ao longo do caminho até casa, as lágrimas não paravam de cair pelo meu rosto, foi uma sensação tão estranha, de

abandono e de satisfação ao mesmo tempo. Eu amei e amo aquelas senhoras, Dona Ana e Dona Glória ficaram a fazer parte da minha família. Foram sete meses onde não só me tornei outra pessoa, como também alterei a pessoa que elas eram. Passei inclusive a ser a cabeleireira do Senhor Alberto, cortando-lhe o cabelo de dois em dois meses. Fiz diferença nas suas vidas e elas na minha. Nunca as vou esquecer, nem nunca vou deixar de as visitar. Ligo-lhes de duas em duas semanas, para ver se estão bem, e elas pedem aos filhos que me mandem mensagens. Foi uma experiência única na minha vida, que me fez questionar se a queria voltar a repetir, não só pela intensidade da mesma, mas também pela saudade que fica.

Assim termino este capítulo, onde descrevi todas as situações que mais me marcaram e que achei importante realçar aqui, passando assim a descrever a fase seguinte deste processo, onde aponto todas as questões que se levantaram quando se tratou de projetar aquilo que observei e filmei durante estes sete meses.

Cap.2 - Do que lá se observe, ao que de lá se projeta

2.1. A reflexão do real

Depois de dar por terminado o trabalho de campo/filmagens em Outubro de 2017, estes sete meses que fiquei em Passinhos de Cima não me saíam da cabeça. A relação que estabelecera com o local e com os habitantes, nomeadamente com Dona Glória e Dona Ana, fez com que o projeto adquirisse uma intensidade que não conseguia deixar de reconhecer. O fato de as ter confrontado com as suas próprias vidas e de lhes ter provocado as sensações descritas no capítulo anterior, deixou em mim um sentimento de culpa e arrependimento.

Sempre me pareceu claro que eu haveria de mudar a vida das pessoas enquanto lá estivesse, não só pela minha presença mas também pelo fato de as estar a confrontar com a câmara. Questionei bastante se teria tomado uma atitude arrogante e egoísta quando decidi ir para o local. Com efeito, sempre tive em conta que lhes colocaria um espelho à frente quando lhes apontasse uma câmara, nomeadamente quando elas tivessem consciência do seu alcance, mas não tive em consideração o quanto isso seria doloroso para elas.

Lembro-me de um dia dizer, com convicção, que nunca iria repetir a experiência. Depois de as ver pensar sobre as próprias vidas, sobre o que fazem e até sobre o local onde moram, fez-me questionar se um dia voltaria a colocar alguém nesta situação. Agora, com uma atitude mais reflexiva e distante, não sei se continuo a dizê-lo com tanta convicção. Sei que nada fiz para as manipular mas também sei que a manipulação está sempre presente a partir do momento em que existimos. Não sei se terá sido positivo para elas pensar nas suas vidas e nas suas maneiras de ser, mas a verdade é que é bom que existam momentos de reflexão. Eu própria acabei por entrar nessa ponderação que, ao longo da visualização das imagens e sons recolhidos no local, se foi apaziguando, não só pelo fato de lembrar os bons momentos e reafirmar o quanto a minha presença também foi benéfica, como também pela sensação de enriquecimento, não só da minha parte, como também de Dona Ana e Dona Glória.

Num filme observacional como este, a realidade que se constrói é sempre baseada na relação entre quem filma e quem é filmado, nas expectativas, desejos e emoções de ambas as partes.

2.2. Práticas do discurso

É hora de começar a visualizar todas as imagens recolhidas, de rever tudo que aconteceu e perceber, agora fora do trabalho de campo, o que foi transmitido em imagem. Irei aqui discutir o processo de montagem e a forma como, ao selecionar e rever todo o material, repensei e transformei a experiência vivida no trabalho de campo que efetuei durante o ciclo agrícola.

Depois de tudo organizado e visualizado, percebi que tinha uma grande quantidade de material e que seria impossível fazer referência a tudo que lá aconteceu. Na verdade, um filme como este não serve para “mostrar” mas antes para revelar a realidade e construir uma narrativa a partir de um manancial caótico de material. Assim sendo, seria impossível editar um filme que fosse uma espécie de resumo de tudo aquilo que aconteceu.

Para além de todo o ciclo agrícola, desde Março a Outubro, eu tinha momentos de lazer, almoços, jantares, vindas do padeiro, merceiro e peixeiro, idas ao monte e até a roupa a ser lavada no tanque. Tudo está registado, desde a minha chegada, à minha saída do local. O tempo que lá se viveu e a forma como foi vivido está gravado tanto em som como em imagem, sendo que na minha memória espero que permaneça para sempre.

Desde a Primavera ao Outono, a encosta passa de tons acastanhados e floridos, a completamente verdes, terminando novamente em tons de castanho e avermelhado. Desde o rebentar das árvores ao cair da folha, do plantar ao colher, o essencial para mim era que toda esta evolução fosse evidenciada, desde que lá cheguei até me vir embora. Não querendo mais uma vez manipular o processo, dei por mim a manipula-lo mesmo assim. Sendo essa a essência da própria linguagem cinematográfica, manipular para de novo revelar a verdade de um encontro, não conseguia fazê-lo de outra forma.

Assim, iniciei a primeira edição deste documentário tendo por certas que o seu título seria “Entre Leiras” e que a duração do filme teria de ser fiel ao tempo lá vivido. As inquietações começaram a surgir.

Decidi, primeiramente, dividir todo o processo de filmagens e trabalho de campo por meses, não só pela coerência com o real mas também para uma melhor percepção do que foi lá vivido e da evolução dos acontecimentos. Apercebi-me, neste processo, que tinha transformado os sete meses lá vividos em sete dias de filme. Partindo deste princípio teria claramente a repensar como traduzir o tempo dos acontecimentos, tendo em conta também que gostaria que aqueles dias de filme pudessem assemelhar-se aos dias passados naquela encosta.

Por todo o respeito que tenho pelo trabalho e dedicação que as personagens têm com os seus processos agrícolas, fiz questão de preservar a respetiva ordem de cultivo. A base da narrativa está na evolução dos acontecimentos, desde o estrumar o campo, ao lavrar, ao semear, à manutenção e à sua colheita. Sem esquecer que este filme não se trata apenas de um documentário agrícola, mas sim de uma etnografia do local, apliquei ainda assim a mesma base que é aplicada naquela encosta, uma agricultura de subsistência.

Quando pensei, no início deste projeto, sobre a quantidade de tempo que eu estaria no local, qual seria o princípio e o fim da minha estadia e da narrativa do filme, sempre considerei acompanhar o ciclo agrícola, mesmo sem ter ainda certeza que as senhoras vivessem tão dedicadas a tal. A verdade é que, quando lá cheguei, percebi que o ciclo agrícola é equivalente ao ciclo das suas vidas e, por esse mesmo motivo, não poderia deixar de ser a narrativa base deste projeto e deste filme, tendo permanentemente em conta o amor e dedicação que Dona Ana e Dona Glória têm por estes processos agrícolas e o quanto isso faz parte das suas vidas.

Uma vez confirmada a base da narrativa do filme e reconhecendo que a minha primeira reflexão sobre o decurso do projeto se manifesta enquanto sentimento de culpa, não pude evitar, no ato da edição, que todo o desenrolar de sentimentos estivesse presente no filme. Este sentimento de confronto entre o real e a reflexão do real é importante tanto no processo de filmar o real como no processo de representação do mesmo. Com o passar do tempo e com alguma distância daquilo que foi viver e filmar durante estes sete meses, não consegui deixar de me rever e de questionar as minhas atitudes no desenvolvimento desde projeto e deste filme, tal como Dona Ana e Dona

Glória também não conseguiram deixar de o fazer quando as confrontei com uma câmara e estas perceberam o seu alcance.

Escolher o primeiro plano e introduzir as minhas personagens principais como o local do filme não foi tarefa fácil. Com esta ideia de representar os sete meses e a evolução do tempo e do tempo que lá se vive, afunilei bastante o que poderia utilizar. Na verdade, imagens não faltam e filmagens representativas de situações lá vividas e sensações sentidas, também não. Perceber como não me repetir e como representar sequencialmente uma amostra de tudo o que lá foi vivido tornou este processo de depuração e seleção do material mais complicado.

Inicialmente a minha limitação era maior, adorava muitos planos que não conseguiria colocar com esta ordem mas rapidamente percebi que eram planos repetidos. Com isto não quero dizer que sejam todos iguais, mas que o discurso estava presente em outros momentos, em outras filmagens.

Sabia que a introdução deste filme, isto é, os seus primeiros minutos, seriam destinados à apresentação do local, do seu tempo, das personagens principais, Dona Ana e Gona Glória, e ainda ao primeiro trabalho na terra, o estrumar o campo. No entanto, faltava-me saber como teria de ajustar as imagens de forma a corresponderem à realidade vivida, a da minha chegada.

O fato deste processo, entre representação e realidade, não sobreviver sem essa manipulação, e tendo a palavra por si só uma conexão negativa, fez da edição a fase mais dolorosa deste projeto. A princípio, tinha em mente que o objetivo principal era dar voz ao acontecimento e não à minha projeção dele. A verdade é que após algum tempo percebi que o meu objetivo, nesta etapa do projeto, já não era dar voz ao acontecimento, como fiz anteriormente durante o trabalho de campo/filmagens, mas dar voz à projeção das suas vozes e das suas vidas. Começou aqui um período de medo, o medo de ridicularizar as personagens e o seu habitar. Sei que as suas maneiras de ser e de estar podem ser estranhas e até engraçadas, do ponto de vista de um espectador externo a esta realidade e, sabendo isto, não consegui evitar sentir receio que o riso se pudesse sobrepor à empatia, no decorrer da sua exibição. Uma vez que eu não considero que elas, nem tão pouco as suas vidas, sejam ridículas, não teria como ridicularizá-las neste filme. Foi este o pensamento que me tranquilizou e me fez arriscar, ainda que sempre com receio de usar e abusar.

Sendo a minha relação com elas um foco igualmente importante neste projeto, não posso deixar de estar presente no filme, não só por estar de fato presente no local, como também por compreender o que essa mesma presença permitiu alcançar nesse projeto. Posto isto, e por não ter outra opção coerente, introduzi-me no discurso: inicialmente faço-o com a voz e posteriormente, no decorrer do filme, introduzo-me visualmente também.

Logo no primeiro plano escolhido, Dona Glória abre regos e, com uma paisagem lindíssima de fundo, onde se percebe o ambiente e o tempo do local, ouve-se uma música a aproximar-se. É neste momento que eu inicio o filme com a pergunta:

Eu: *De que é esta carrinha?*

Dona Glória: *É a da ração do gado, de farelos.*

Dou assim início ao filme que aqui apresento, no qual começo no primeiro plano a falar, introduzindo desde logo a minha presença no local e por consequência a presença da câmara. Com isto apresento uma linguagem mais informal e de maior proximidade e, dando voz a quem não está presente fisicamente, realço o diálogo ao longo do filme.

São múltiplas as situações em que elas falam enquanto saem de plano, continuando a falar, ou mesmo momentos em que falam sem estar em plano. Tudo isto acontece na realidade e eu, com medo de introduzir ruído no diálogo ao redirecionar o gravador ou a câmara, deixei-me estar quieta no mesmo sítio, o que acabou por fomentar ainda mais a utilização de uma linguagem de tipo observacional neste projeto. A ideia de que nada foi encenado e a ideia de levar o espectador a ter a sensação de lá estar comigo a observar, são dois pontos essenciais neste projeto que, a meu ver, são introduzidas no filme com estas situações.

Desta forma, à narrativa de base, onde temos a evolução e descrição dos processos agrícolas e o passar do tempo no local, acrescento também a minha presença, realçando assim situações e sentimentos passados ao longo do processo, que acabam por dar ao espectador a ideia do que lá foi vivido e do ciclo que se repete ano após ano, sendo que estas pessoas lá vão continuar, a lutar pela vida naquele lugar. No fundo, é

esta ideia de ciclicidade e de uma manutenção das formas de sociabilidade e cultura locais que acabam por ser o foco do meu trabalho, e de todo este processo e tempo vivido a filmar.

2.3. A representação do real

Agora, depois de uma breve descrição do que foi o pós-rodagem/trabalho de campo e o que estava definido até então para este projeto, enquanto forma de discurso, passo a descrever sequencialmente a construção do filme, não esquecendo claro que este é dividido por sete dias, que descrevo aqui um a um de uma forma intencional.

Enquanto realizadora e montadora deste projeto, foi esta a forma que encontrei de construir a sequência das ações do filme, uma espécie de dispositivo que me permitiu ultrapassar o processo de seleção e a construção narrativa e temporal do filme.

1º Dia

O filme começa, como já referi anteriormente, com Dona Glória a abrir regos, enquanto ouvimos uma música de fundo vinda do altifalante de uma carrinha que não conseguimos ver. O plano é fixo e longo; apresento Dona Glória que entra e sai de plano, enquanto abre um rego; ao fundo conseguimos ver uma encosta. Eu pergunto que carrinha está a passar e Dona Glória responde-me que é a carrinha das rações e, como já havia referido, é o momento que evidencio a minha presença e a da câmara, logo desde o início do filme.

Já fora de plano, Dona Glória diz-me que vai espalhar o estrume enquanto o trator não chega e, com isto, introduz-se o segundo plano com a respetiva ação de espalhar o estrume e a posterior chegada do trator. É aqui demonstrada a primeira atividade na terra e o passar do tempo no local. Acompanhando o trator acabo num plano geral onde aparece não só Dona Glória e o respetivo trator a lavrar a terra, como também a paisagem onde se insere este terreno. Neste mesmo plano, ao fundo, existe uma ponte onde passa o comboio com as direções Porto - Régua. Partindo desta

paisagem onde a ponte esta presente, introduzo um plano do comboio a passar, onde não só aproveito para apresentar Dona Ana, que trabalha numa quinta ali ao pé, como também apresento aqui a realidade dos trabalhadores do Douro.

Ouve-se o Senhor Luís a comentar a passagem do comboio “*Lá vai o comboio da meia hora*” e de seguida vemo-lo a arrancar no seu trator entre as vinhas.

Dona Ana surge aqui juntamente com o Senhor Luís, a enxertar as vinhas, e o destaque é-lhe dado a ele, que me explica todo o processo, não por ele ser personagem principal deste filme, mas pelo fato de este impor a sua presença em todas as situações em que está presente. Como tal, não poderia deixar de o apresentar assim, com a atenção só para si. Falam sobre a enxertia da vinha e inclusive dos prós e contras em comprar vides já enxertadas.

O comboio torna a passar e, como seria espectável, não poderiam deixar de o referir.

Senhor Luís: *Vem ai outro comboio!*

Dona Ana: *Já vem do juncal para cá.*

Senhor Luís: *Agora vem de acolá prá li, parece que o tou a querer ouvir!*

Dona Ana: *Só se ouve depois de sair do túnel.*

Saem de campo pelo meio da vinha, enquanto o Senhor Luís chama “*fracos perdedores*” a quem compra vinhas já enxertadas.

Aqui aproveito para apresentar os restantes trabalhadores da quinta e a plantação de batatas. Segue-se o lanche, onde se reúnem todos, as anedotas são contadas e a descontração é aqui retratada. Oferecem-me vinho e, mais uma vez, ouve-se a minha voz e percebemo-nos da minha presença, tal como no primeiro plano. É quase como uma lembrança ao espectador de que eu lá estou.

Depois do lanche seguimos para o campo onde as mesmas pessoas já se encontram a plantar batatas. Enquanto se dirigem à câmara, eu pergunto se por acaso se lembram da primeira vez que plantaram batatas nas suas vidas. As histórias são muitas e Dona Ana diz, “*Oh menina, eu tinha cinco anos e andava com o pau arrastos à frente*”

dos bois”. Uma outra senhora refere uma medida dada pelo seu pai, utilizando um pau que lhe indicava a distância que deveria ter entre cada batata na sua plantação, e outra confirma usar a mesma técnica, dizendo que ainda na sexta-feira passada havia utilizado o mesmo método com o seu filho, para que este a conseguisse ajudar na plantação de batatas.

São estes pequenos diálogos que vão aparecendo durante o filme, que nos suscitam alguns temas que estiveram à tona durante o trabalho de campo e nos revelam muito sobre a identidade do local e do sujeito apresentado, como também da relação estabelecida entre quem filma e quem é filmado. Esta situação aponta para uma iniciação, onde eu pergunto e elas respondem, e introduz ainda o fato de continuarem a utilizar métodos de cultivo que os seus pais utilizavam, partilhando também que consideram estes métodos ultrapassados, pelo menos do ponto de vista geral de uma sociedade.

De um plano aproximado, onde o cansaço é demonstrado enquanto bebem água, com Dona Ana no foco, troco de cenário e estamos novamente na encosta com Dona Glória, a personagem apresentada no início do filme. Até aqui, Dona Ana tivera presente, mas sem ter tido ênfase na sua personagem fílmica. Agora, juntamente com Dona Glória, as irmãs passam a ser as personagens principais.

Vemos a carrinha a ir embora e, num plano fixo, ficamos com Dona Ana e Dona Glória que, vindo na minha direção, dizem:

Dona Glória: *Já vou comer umas sardinhas à noite. Grelhadinhas!!!! Se a Cláudia quiser vir comer comigo à noite, cozo uma batatinha com a pele e grelha-se as sardinhas nas brasas!*

Dona Ana: *Sabe como se chama batatas cozidas com a pele? Batatas à sovela!*

Dona Glória: *Ela decerto, ela não gosta.*

Dona Ana: *Ai não que num gosta.*

Dirigindo-se a mim, saem de plano continuando a falar. Explicam-me o que são batatas à sovela e ainda combinam jantarmos todas juntas à noite. Eu confirmo a minha ida e elas relatam que vão cortar erva para as ovelhas, para o jantar não ser tardio.

Dona Glória: *Olha que estas a ser filmada com os chinelos na mão!*

Dona Ana: *Quero lá saber, já estou mais que filmada, eu !*

Dona Glória: *Então vai e vem! Vai e vem!*

Dona Ana: *Bem eu já venho!*

Aqui não só introduzo a vinda do peixeiro à encosta, como também a relação entre ambas. Dona Glória salienta o fato de eu estar a filmar e Dona Ana relativiza a ação em si. É aqui mostrado pela primeira vez a casa de Dona Ana que, do cimo de uma colina com o monte atrás e com a foicinha na mão, grita:

Dona Ana: *Oh Berto ! Oh Berto! Oh Bertooo! Onde é que diabo é que ele foi!
Foi buscar a foicinha lá baixo às tantas ela não esta lá, elas estão ali ! Oh
Berto! Onde estas? Ai foste buscar a luva! Mas essa luva é da mão direita!*

Senhor Alberto: *É da mão esquerda!*

Dona Glória: *Han? Tem razão sim senhor! Trás essa luva e anda para aqui
ajudar a cortar erva, não cortas muita mas para te mexeres alguma coisa.*

É pela primeira vez inserida a presença de uma outra personagem no local, o Senhor Alberto. Já introduzidas as personagens principais, Dona Ana e Dona Glória, o local e o seu tempo e até a minha presença e a da câmara e dos restantes habitantes, questionei bastante a forma como iria introduzir o Senhor Alberto, irmão de ambas, e o quanto exploraria a sua doença mental, a esquizofrenia. Na realidade, definir a sua doença não era importante, mas sim a monotonia que este colocava no habitar daquela encosta. Era uma presença que não poderia prescindir, não só pelo fato de pertencer àquele local, como também seria uma falta de respeito excluí-la. Assim, decidi apresenta-lo aqui, juntamente com o habitar do local, através de Dona Ana, utilizando apenas um diálogo onde ele fisicamente não aparece. Surge assim, como o som dos pássaros e das rãs, lá do fundo e sempre com repetição.

Mais tarde, na manhã seguinte, aquando ao novo aparecimento de Dona Ana e à plantação da cebola, ele aparece mais uma vez, agora fisicamente, no fundo do plano. Surge com a questão sobre de onde devia cortar erva para as ovelhas, sempre em modo repetitivo. Não querendo exagerar nesta personagem, foram essenciais estes dois momentos para assim o colocar no habitat do local.

Enquanto seguimos o decorrer do final de tarde, onde estas cortam erva para as ovelhas, seguindo Dona Ana desde o cimo da colina à Dona Glória que solta as ovelhas na encosta, acompanhamos o tempo do local e o passar do tempo nele, mostrando também a encosta onde vivem, as suas casas e a atmosfera do local.

O primeiro dia está a acabar, tudo está apresentado menos a sensação de atualidade, do agora. Vamos para o interior da cozinha de Dona Glória e deparamo-nos com a publicidade atual na televisão. Dona Glória diz estar tudo pronto para fazer as sardinhas, a noite cai e a chuva também.

A trovoadas iluminou a encosta nesta noite e até a aranha construiu a sua teia. Dava-se o fim do primeiro dia e o início de um ciclo difícil de digerir.

2º Dia

Tal como a aranha no plano anterior estava a estender a teia, agora com o sol a iluminar, come a presa. Esta sequência surge como uma metáfora para aquilo que se segue, de primeiro adquirir espaço para depois chegar mais perto. Não que vá comer ou fazer qualquer coisa de mal a alguém, mas representa a aproximação que está presente a partir daqui, tal como aconteceu a partir do meu primeiro mês no local.

A cebola é plantada por Dona Ana que, como referi no ponto anterior, fala com o Senhor Alberto que ao fundo lhe pergunta onde cortar erva para as ovelhas. É terça-feira, dia de merceiro e a plantação de cebolo é interrompida pelo som do apito da carrinha que avisa a sua chegada. Dona Glória lá vai, como sempre, e eu fico a observar. O tempo do local é aqui mais uma vez realçado e Dona Glória volta com azeite e maçãs, sempre no mesmo plano observacional. De seguida, as batatas já com rama são sachadas por Dona Glória e, ao fundo, ouvimos Dona Ana a chegar com uma senhora.

Estamos num plano aproximado da cara de Dona Glória, eu quero que a proximidade exista mas Dona Glória ainda está envergonhada com a minha presença. Dona Ana chega e pela primeira vez vemo-la trabalhar no campo com Dona Glória. A outra senhora, Dona Luísa, habitante também do local, introduz aqui a ideia do companheirismo entre leiras. Enfiou um pico no dedo e veio pedir a Dona Ana que o retire. Quando me vê dirige-se à câmara e diz-me “*Boa tarde menina*”; aqui eu respondo e mais uma vez a minha presença é induzida.

Esta é uma situação onde não só apresento o processo de cultivo da batata, como também o companheirismo entre os trabalhos agrícolas e a vizinhança. Como Dona Glória o refere, “*Enquanto a terra for trabalhada, há sempre com quem falar*”.

Seguimos Dona Ana e Dona Glória para uma outra leira, onde também sacham batatas. Aqui é apresentada a repetição da ação, como também podemos constatar através da conversa que já referenciei no capítulo passado,

Dona Ana: “*Deixar secar as ervas, e uma pancada de chuva em cima, é que era bom, era melhor que uma nota de cinquenta euros. Não, que a gente tem de lhe botar palha e picar a palha, senão a água vem e leva tudo. Picar a palha, para a água segurar a terra*”.

São aqui mostrados os restantes processos de manutenção das batatas e ainda referem o quanto trabalho isso lhes irá dar. Prolongo mais à ação e, dando ainda um maior ênfase à sua repetição, incluo a atualidade mais uma vez através de uma conversa acerca da emigração, tomando como exemplo o filho de Dona Glória, e da vinda do Papa a Fátima neste ano. Com estas conversas e com a televisão introduzo esta realidade atual e impossível de confundir, num ano onde o Papa cá vem e Portugal arde.

Um plano de água é aqui introduzido, fazendo uma passagem de tempo e abrindo portas à rega e aos incêndios, evocados pelo som de um helicóptero que se aproxima. Dona Ana e Dona Glória carregam a palha para a respetiva rega e contam que o helicóptero que ouvimos leva a água para os incêndios. Dona Ana cai e rindo-se de si própria, cria uma empatia até aqui ainda não explorada. Empalham as batatas e Dona Glória, enquanto se dirige à mina, refere o quanto se entrecruzam e o quanto lhe custa dormir à noite com dor nas pernas. É aqui também a primeira vez que Dona Glória nos

fala sobre a sua condição física limitada, que é dificilmente perceptível tendo em conta os grandes esforços físicos que faz.

Abrem a mina e a água escorre. Comandam a água com um jogar de sachola e torrões de terra, enquanto Dona Glória refere como seria cómico se alguém visse esta forma de regar na televisão. Mais uma vez expõe o quanto se acham atrasadas, tal como a conversa sobre a medida da plantação de batatas.

A rega acaba e o lanche está na mesa. Todos lanchamos, eu, Dona Ana, Dona Glória e o Senhor Alberto. Neste momento, pela primeira vez estamos todos no interior de uma cozinha: eu não apareço mas entro na conversa. Estamos como se a câmara não existisse. Estas saem de plano e saímos ambas da cozinha. A câmara fica e o Senhor Alberto também. Enquanto ouvimos a nossa conversa, vemo-lo no centro da cozinha, ficando assim em primeiro plano pela primeira vez, acabando por mostrar melhor o que é a sua presença naquela encosta. Fora de plano elas falam da trovoadas da noite anterior, a mesma que ouvimos e vimos no filme e tudo parece sequencial e real. Falam também de como tudo passa rápido e pedem para eu não me esquecer delas. Dona Glória vai embora, ouvimo-la a despedir-se e o sino toca.

Ficamos com Dona Ana que ainda planta tomates e pimentos e faz a respetiva rega. O plano é longo e dá a perceção do tempo que lá passei, parada apenas a observar. Dona Ana fala-me de trabalhar no dia seguinte, na quinta do Senhor Marques e fala-me também nos tomates que plantou o ano passado. A quantidade é imensa e percebe-se a dimensão do cultivo. Dando por terminada a sementeira, como Dona Ana o refere,

“ Acabou a sementeira por hoje, estou farta de trabalhar, amanhã é outro dia e vai ser igual decerto ”

De um grande plano de Dona Ana com este diálogo como elemento de corte para o dia a seguir, ficamos com a ideia da dureza do trabalho diário que é realizado naquele local.

3º Dia

É mais um dia de trabalho para Dona Ana. Como referenciou ontem, hoje está a trabalhar na quinta do Senhor Marques. Enquanto vemos algumas pessoas a engarrafar o vinho, em máquinas industriais, percebemos que aqui não é realizada uma agricultura de subsistência mas sim uma agricultura industrializada, inserida numa economia. Dona Ana cansada, senta-se. Atrás de si está um cofre, ao qual eu comento que o cofre deveria ser dela. Dona Ana responde-me “ *Se esse cofre fosse meu, já não andava aqui a trabalhar há muito.* ”.

Decidi iniciar assim o terceiro dia, de modo a dar ênfase ao final do dia anterior onde Dona Ana refere estar “*farta de trabalhar*”. A condição financeira dela é aqui exposta e também o fato de trabalhar numa quinta na zona ser essencial para a sua sobrevivência.

Passamos para a encosta, onde ficamos num plano fixo da entrada da cozinha de Dona Glória. Esta faz mimo ao gato e enquanto fala com ele, espera que Dona Ana chegue para almoçar. O dia está quente e começamos a ver Dona Ana a chegar ao fundo do plano. Enquanto se dirige a nós:

Dona Ana: *Venho cansada!*

Dona Glória: *Ah? Pensei que disseste, que cobra!*

Dona Ana : *É a velhice é no que dá. O Berto já esta ai?*

....

Enquanto cumprimenta o gato e encostada na porta tira as galochas, Dona Ana ainda salienta o fato de a quinta ser longe.

Dona Glória: *Andai cá Ana, que o arroz esta a pôr-se papas!*

Dona Ana: *Ai!!!! Para chegar de la de baixo cá cima, a gente vê-se fodida!*

É aqui mais uma vez demonstrado não só o fato de esta trabalhar numa quinta de produção de vinho, como também o fato do seu trabalho ser longe de casa e ter de ir e

vir todos os dias a pé. Dou também ênfase ao companheirismo que parece existir entre Dona Ana e Dona Glória, vendo como esta preparou o almoço para a sua chegada, algo que se repetiu muitas vezes durante o trabalho de campo. Eu própria acabei por almoçar com elas muitas vezes, algo que me parece ter sido induzido nesta sequência.

Entro para a cozinha e fixo o plano na janela. Não foco no almoço mas sim no ambiente do mesmo. Não vemos ninguém e só ouvimos Dona Ana e Dona Glória nesta conversa.

Dona Glória: *Ai que linda!!*

Dona Ana: *O quê?*

Dona Glória: *A minha janela, eu vou ajeitar o cortinado, senão dizem. Olha que casa velha ela lá tem!! E tem ali o relógio do padeiro. Foi o meu neto me deu, de prenda de anos. Não que eu vou ficar bem filmada, apareço em muitos lados.*

Dona Ana: *É, e ela andou a filmar lá em baixo e as asneiras que nós lá dissemos.*

Dona Glória: *As asneiras não aparecem lá!*

Dona Ana: *Ai não, não aparece!*

Dona Glória: *O quê? O que vós dizeis?*

Dona Ana: *Sim!!*

Dona Glória: *Aparece?*

Dona Ana: *Ai não, o que a gente diz esta a filmar e a gravar!*

Dona Glória: *Ahhh porra pó caralho!!*

(risos)

Dona Ana: *Aqui o pessoal do norte, somos muito destravados da língua, somos da terra do caralho. (risos) Mas é o pessoal daqui, isto é, é um calão que a gente apanhou!*

Dona Glória: *É um habito que a gente apanha de repente.*

Dona Ana: *Antigamente o tempo era diferente, a lavoura, agora não é assim. A gente cantava, eles davam serras uns aos outros.*

Dona Glória: *Ontem à noite a ambulância teve acolá no forno, era o inem não viste? E não havia luzinha nenhuma na estrada. Sabes que a minha luz aqui falha? A tua também falha?*

Dona Ana: *A minha não!*

Dona Glória: *A minha falha. Falha e torna a vir. Vai e vem, vai e vem.*

Dona Ana: *A minha não, nunca dei fé que ela falha-se. Bem, vamos à vida!*

Dona Glória: *Vamos!*

Para além de esta conversa nos falar de uma consciência que começara a haver da minha presença e do meu alcance, fala-nos também de como elas começam a questionar os seus modos de falar. Para além disso, ainda nos fala da vista que têm de suas casas e o que as preocupa, as ambulâncias que passam. Esta é mais uma conversa em que não vemos as pessoas mas ouvimo-las, algo que acontece ao longo do filme, não porque me facilita a manipulação de conversas mas porque realmente foi assim que aconteceu. Um exemplo disso é precisamente este plano, onde elas estão a ter esta conversa enquanto eu filmo a janela. Na realidade, foi o fato de eu estar a filmar a janela que lhes suscitou esta conversa.

Seguimos para fora de casa, ambas vão dar início à sementeira do milho. Vemos todos os processos, desde olear o semeador, à deslocação delas pelo terreno, até chegar à leira pretendida. De um lado para outro, com um utensílio antigo, o semeador, enchem a terra de semente. Aqui acompanhamos algum tempo a sequência real enquanto semeiam o milho. O gato de Dona Glória aparece, elas referem-se a ele e, na sequência da sua chegada àquela leira, é apresentado. Já tínhamos ouvido Dona Ana e Dona Glória dirigirem-se ao gato antes do almoço, mas este ainda não tinha estado em plano. O Xano é a companhia de Dona Glória e aparece várias vezes onde esta anda a cultivar. Não poderia deixar de o apresentar assim, aparecendo no terreno, chamando a atenção.

O movimento é repetitivo e a sementeira dura algum tempo. A forma como elas percorrem o terreno de um lado para outro deixou em mim uma sensação de rotina diária, mensal e até anual. De um lado para o outro vamos andando e abrindo caminho

para semear. Aqui estamos mais ao menos a meio do filme e por isso achei necessário que esta atividade tivesse este destaque, não só pela atividade em si, como pelo movimento da mesma ou até pela sua beleza. Trata-se de uma das atividades à qual dedicam mais tempo e dedicação e é o único cultivo que lhes dá dinheiro.

A sementeira acaba depois de estas fazerem uma pausa, momento onde “*limpam as precianas*”, como elas se referem á limpeza dos óculos. O suor cai-lhes da testa e a dureza do trabalho é aqui notória. Com o sementeiro às costas, pelas leiras acima, percebemos a inclinação do terreno e a forma como se anda nele, dando origem a um tempo que penso ser essencial demonstrar neste filme.

De seguida, antes que as minhocas lhe cheguem, lá vão elas colher cerejas para o topo da árvore. Dirigem-se à câmara e Dona Ana até me diz para filmar o ramo cheio de cerejas. O momento é bonito, acompanho o ramo de cerejas com Dona Ana no cimo da árvore e Dona Glória sentada com o seu chapéu de palha; em muito se assemelham a crianças. Dona Ana desce da árvore e enquadra-se com o Senhor Alberto dizendo, em tom de brincadeira, mas ao mesmo tempo refletindo sobre si própria, “*Nós nem sabemos comer, Berto*”. Descendo pela leira abaixo com as tesouras na mão, o esforço é deixado de lado com a sementeira, mas a atmosfera do local não, essa continua.

Em plano fixo vemos Dona Ana e Dona Glória a tentar tirarem a ovelha da corte e, como já referi no capítulo anterior, esta deita-as ao chão. Não querendo repetir o que já mencionei sobre esta sequência, vou aqui justificar o porquê de a colocar no filme. É importante para mim este plano não por ser um momento cómico e descontraído, mas porque eu entrei em plano pela primeira vez em trabalho de campo e pareceu-me que este seria o momento ideal para o fazer no filme. Desde o primeiro plano que se ouve a minha voz mas até então não tinha aparecido. Com esta cena sou introduzida fisicamente no filme e até temos um belíssimo comentário de Dona Ana, “*Oh Cláudia, isto vai ser o melhor do seu filme*”. Nesta sequência a questão de ridicularizar as “personagens” teve presente mas o seu foco principal está sobre o meu ponto de vista sobre o local e os habitantes e por isso coloquei-a mesmo assim.

O carneiro é tosquiado e vemos como executam manualmente esta atividade. A noite vai cair e “*as bordas têm de ser sachadas*”, como diz Dona Glória, “*é o último trabalho da lavoira*”, enquanto queima a lã acabada de tosquiar. Dona Ana e o Senhor Alberto vão ainda cortar erva para a ovelha, atividade de final de tarde, já referenciada no filme, e com a combinação para o jantar dizem-nos até já.

Dona Glória põe as batatas no forno e chama Dona Ana para jantar, que está a dar de comer à ovelha. Assim se acaba este terceiro dia, que não só da por terminada a plantação, como a sementeira também. A manutenção já foi introduzida, os questionamentos delas também e a relação delas comigo já está aqui estabelecida. Para além disso, as personagens estão todas apresentadas, até eu e todos os animais.

4º Dia

A galinha canta e um novo dia começa; mostra-se a encosta, que está mais verde que nunca. A natureza brota e os insetos devoram as árvores. O centeio está pronto a colher e os ameixos a comer. Elas descem a leira e, enquanto comem ameixos, dirigem-se a mim, *“Acabaram as cerejas, vêm os ameixos”*. O centeio já está cortado e com ele aos molhos, transportam-no para a eira. Aqui o movimento de subir e descer as leiras é realçado mais uma vez. É importante para mim que a imagem de elas a descer e subir as leiras fique na memória do espectador, não só pelo esforço e dedicação de trabalhar cada canto de terra, como pelo fato de isso fazer parte dos seus dias e do tempo do local. Como Dona Glória o diz, *“De leira em leira lá passamos os dias”*. Aqui, mais uma vez o Senhor Alberto está presente e ajuda-as, a muito custo, nos seus cultivos. O centeio já está na eira e surge um daqueles diálogos que abordam muito daquilo que é importante retirar deste filme. Dona Ana, como referi no capítulo passado, diz a Dona Glória,

“Já estamos a colher Glória, já há pão para comer, começar a tirar batatas. Começar a haver centeio, já é bom sinal.”

Não podia deixar de inserir esta sequência no filme, não só por fazer parte de um processo agrícola, como também pelo fato de que é aqui salientado o tipo de agricultura aqui praticada, a agricultura de subsistência. Para melhorar a situação, na mesma sequência da conversa, Dona Ana referência que o trabalho que ambas exercem no campo é de homem e de mulher. Dirigindo-se para a câmara, Dona Ana diz-me.

Dona Ana: *Olhe Cláudia, aqui há muita mulher, mas não há nenhuma que faça o que nós fazemos. Nós fazemos trabalho de mulher e de homem. E algumas pessoas dizem assim: Aiii meu deus se o meu homem me falta, que triste vida há-de ser a minha !!!*

Dona Glória: *O meu faltou e eu tive de...*

Dona Ana: *Enquanto elas o têm não o estimam. Eu nunca fui habituada, Eu faço porque o meu homem já não o fazia! Mas olhe que agora já me custa fazê-lo!*

Na verdade nunca aprofundo os seus passados, pois o importante para mim é que o presente seja transmitido. Ainda assim, neste momento, deixo indício de que Dona Glória perdeu o seu marido e que Dona Ana também já não o tem. Neste seguimento acontece esta conversa, que já referenciei no capítulo passado:

Dona Ana: *A emedar apanha-se sempre piolhos. Aiii já está o deste ano, mas não era assim que o queria ver. Queria vê-lo, oh olhe a palha como está aquela ali, e o grãozinho numa cestinha e levar para cima. Se deus quiser também há-de ir.*

Dona Glória: *Oh Ana!! Um bocadinho cada dia, vai tudo!*

Dona Ana: *Daqui por um mês vamos ver se o malhamos aqui.*

Esta sequência não só salienta, mais uma vez, um processo necessário num cultivo como também me permite exercer uma passagem de tempo, através do mesmo. Assim, com o mangual no ar, dou aqui entrada à malha do centeio e ao Verão.

O sol está mais forte e, com muita força e ritmo, o centeio é malhado. Não aprofundo aqui esta atividade belíssima, pois penso já o ter feito no capítulo passado. Escusado será dizer a razão pela qual inseri toda esta sequência no filme, visto já a ter referido previamente como sendo importante e descritiva do amor e dedicação à lavoira.

O milho já furou a terra e já é necessário ser regado; com os pássaros a cantar dou início à sua manutenção. Dona Ana abre a mina e explica-me como o faz. Sem me

explicar todos os processos, menciona esta prática por crer que é específica do local. A água corre em regos já determinados para a sua passagem e eu não poderia deixar de mostrar com o tempo que lhes é devido. Enquanto elas encaminham a água no meio do milho, ouvem o cão, falam com ele, puxam a água para a frente, combinam a ida à cidade e até me dizem o quanto lhes custou empalhar o milho.

Não especifico o porquê de o empalharem, pois já foi mencionado anteriormente enquanto sachavam as batatas e Dona Ana me dizia que a próxima tarefa antes de regar, seria empalhar, para sustentar melhor a água no solo. Esse processo é aqui excluído já que tinha sido mencionado anteriormente e, sem esquecer a ideia de que o ciclo evolui continuamente, introduzo um diálogo sobre o mesmo. Este diálogo, como todos os outros, é importante neste filme, uma vez que não só retracta a atividade e o tempo dela, como também, pela primeira vez, existe uma referência da ida à cidade. Esta viagem não acontecia muitas vezes e por isso é referido no filme apenas nesta conversa e de uma forma muito subtil. Com ela, acaba-se a rega do milho e Dona Glória dirige-se a mim com a pergunta “*Vem embora ou fica?*”, enquanto Dona Ana responde, “*Ela agora vai-nos ver a ir embora*”. A proximidade e a percepção dos meus passos por parte delas já existem, já sabem que gosto de as filmar a ir embora e só depois as acompanho novamente. Confiam em mim o suficiente para me deixar para trás nos seus terrenos e até nas suas casas. Eu pergunto se não há mais água e estas respondem-me que há mas que é pouca e já não corre.

O verão está seco. Estamos em Julho e ainda não mostrei a cozinha de Dona Ana. Numa cozinha antiga, como ela própria o diz, coloca a panela em cima da fogueira. O refogado está pronto e Dona Ana mete-lhe vinho, diz que põe sempre. Ouvimos o senhor Alberto, mais uma vez em modo repetição. Esqueceu-se o que Dona Ana lhe tinha pedido. Segue-se um outro plano da cozinha onde Dona Ana comenta, pelo fato de eu estar a filmar, que a sua cozinha é velha e me explica o porquê de ter um banco pequeno. Havia pedido ao seu genro que lhe fizesse aquele banco para cortar batatas. Diz-me que gostava de ter muitas coisas, mas que o dinheiro lhe falta. Muito humildemente, termina com a seguinte frase: “*Mas ninguém tem tudo que precisa*”. Com isto cai o dia e ficamos com uma reflexão de Dona Ana sobre a sua própria vida.

5º Dia

Um novo dia começa e vemos o nevoeiro subir do rio entre os vales. Sem perceber onde estamos, damos por nós outra vez na quinta onde plantámos batatas. As mesmas pessoas já lá estão e são-nos apresentadas por uma panorâmica que começa no Senhor Luís que, como já descrevi, quando está presente é o centro das atenções. As batatas estão a ser tiradas e muitas já se encontram no chão para serem apanhadas. Entre conversas onde não vemos ninguém a falar mas percebemos o movimento da sachola e da batata a ser mandada para trás, ouvimos um diálogo que em muito diz respeito à atualidade e realidade vivida em Portugal.

Dona Maria: *Que cheiro a fumo!*

Dona Conceição: *Andam a queimar qualquer coisa.*

Dona Maria: *Eu se tivesse em casa, também aproveitava parra fazer uma fogueirinha.*

Dona Conceição: *Eu tenho muito medo agora.*

Dona Maria: *Ai assim com nevoeiro.*

Dona Glória: *Ai eu tenho muito medo, ponho lá no monte e depois quando poder eu queimo.*

Aqui, mais uma vez, a conversa ouvida serve de apontamento e acontece novamente fora de campo. O senhor Luís interrompe e, enquanto carrega as batatas para o trator, diz-me que sendo um ator do meu filme merece pelo menos uma medalha de cortiça, “*para não dizer de ouro*”. Repetidamente impõe a sua presença, chegando mesmo a vangloria-la.

Chega a hora de lanchar e é ali no campo que comem. Todos se dirigem ao tanque e lavam as mãos, enquanto o Senhor Luís refere que aquela água, por vezes, contem espuma de detergentes. Com uma manta no chão e um piquenique, os trabalhadores lancham. Dona Ana percebe que estou a filmar e faz um comentário sobre isso, introduzindo também uma conversa sobre a ida dos javalis ao milho naquele local, já mencionada no capítulo anterior. Este lanche, para além de introduzir uma forma de

estar no campo, introduz também a inquietação dos habitantes com os animais que lhes estragam as culturas e das pessoas que lhes estragam a água. Não querendo repetir novamente o processo, a tirada de batatas fica-se por aqui e enquanto se despedem, eu desligo a câmara, o plano fica a negro e continuamos a ouvir.

Assim, é aqui que deixo um novo apontamento; Dona Glória ouve como eu ouço nos meus auscultadores e faz aqui uma ponte com a conversa na cozinha, logo no segundo dia, onde só vemos a janela e as ouvimos falar daquilo que eu tenho gravado. Digo que faz uma ponte pelo fato de ser um segundo apontamento referente à mesma questão; a percepção do meu alcance com a câmara e com o gravador e o quanto isto altera a forma como elas questionam a minha presença e, por consequência, se questionam a si próprias.

Como relatei também no capítulo passado, este é um momento importante no processo de trabalho de campo e questioneimei-me bastante se deveria coloca-lo ou não; poderia apenas soar estranho e até desnecessário. De fato é demasiado importante para mim que esta nossa relação e esta descoberta por parte de Dona Glória fossem aqui demonstradas. Tendo já excluído uma situação em que o mesmo acontece com Dona Ana, como referi também no capítulo passado, não poderia deixar de o fazer desta vez.

Depois de convencer Dona Glória a ouvir, com a intensidade que há meses eu conseguia ouvir, e ter provocado nela a sensação do que seria ser ouvida, viemos para casa almoçar. Com isto, vamos para a encosta, onde temos mais um plano geral da mesma e onde se consegue perceber que a cor da vegetação já não é igual, embora ainda se mantenha muito verde para o forte calor que se sente este ano em Portugal. Um trator entra em plano e uma roçadeira começa a cortar as beiras da estrada. Vamos para baixo de chapa e Dona Ana e Dona Glória encabam as cebolas. Corto aqui o processo de tirar cebolas por achar desnecessário perder mais tempo em processos que à partida seriam óbvios.

Durante este ato de encabar cebolas, esta conversa surge:

Dona Glória: *Aqui a nossa terra é atrasadinha, Ana!!*

Dona Ana: *É atrasadinha nada, eu não me considero atrasada.*

Dona Glória: *Ai não Ana!*

Dona Ana: *Nós não temos a cultura de quem estuda, já se sabe que quem estuda tem de ter outra cultura! Agora, considero as pessoas que não têm cultura, as pessoas que são mal educadas e criticam os outros sem saber!*

Dona Glória: *Ai eu nunca fui mal educada, nem nunca fui chamada a escola por os meus filhos serem mal educados! Graças a Deus Nosso Senhor!*

Dona Ana: *Nós temos educação dentro daquilo que aprendemos, mas somos umas pessoas que não temos cultura de outras coisas. A nossa cultura é isto, é a terra! Mas dentro da cultura que temos, se tivermos educação, somos verdadeiramente aquilo que somos! Porque há pessoas que em ter um bocadinho de cultura, já se exhibe, ou por ter um carro novo, já são mais que fulano, não!!! A gente não deve esticar mais que a cama. Deve viver dentro do ambiente que tem educadamente, porque eu quando acho que as vezes falo, que até será errado, eu antes até pergunto. Olhe eu até vou dizer uma coisa, mas desculpe lá se estou errada! E falo pronto. Eu acho que faz parte da educação. Agora que nós não sabemos discutir qualquer coisa, sobre qualquer coisa, não sabemos discutir. Nós sabemos discutir sobre o nosso trabalho. É o nosso trabalho que sabemos discutir! Agora dentro. É o que digo muitas das vezes, Há pessoas que têm muita cultura de muita coisa, sobre muita coisa. Mas se lhe puserem uma enxada nas mãos, eles nem tão pouco sabem pegar nela. Põe-lhe a mão ao pé do olho e o nariz no chão. Você não diz que eu levava a sachola levantada no ar? É o meu estilo.*

Esta conversa é, para mim, importante no filme não só por expor a forma como elas se vêm mas também pela proximidade que a humildade de ambas invoca no expectador. Podem até ter vergonha e podem mesmo pensar que são atrasadas em relação à sociedade, mas sabem que não fizeram nada de mal a ninguém, logo o medo não pode existir. Era importante para mim que este pensamento estivesse presente, de alguma forma, na estrutura do filme.

Enquanto continuam a construir tranças com a rama das cebolas, perguntam-me se eu fiz o almoço e dizem-me o que elas almoçaram. Para terminar, Dona Ana refere que, “*Isto é tudo muito bonito mas é cantado*” e, enquanto isso, Dona Glória faz questão de mostrar as grandes cebolas colhidas. Partilhando a mesma vontade, aproximo o

plano. É bonita esta sequência, onde não só demonstro a proximidade entre nós, com a conversa do almoço, como introduzo também a opinião delas sobre si mesmas, sobre o esforço que dedicam à agricultura e o quanto isso lhes custa, não só fisicamente como também psicologicamente, no que toca à desvalorização social das suas práticas de vida.

Ouvimos novamente a roçadeira e elas comentam quem será que anda a cortar; enquanto isso é-nos mostrada novamente a encosta, em plano geral; de seguida, com um plano aproximado, vemos a árvore que anteriormente fora mostrada a ser comida por insetos no início do quarto dia, agora já sem folhas, funcionando quase como uma metáfora daquilo que foi sentido no decorrer desta fase do processo de trabalho de campo. Elas tinham-se entregue a mim e eu quase como um inseto, comi-as. Sentia-me culpada. Ao mesmo tempo o ciclo da natureza está aqui demarcado.

Pela primeira vez ouvimos a tramela a rodar e, dando-lhe ênfase com a bandeira de Portugal atrás, um plano dela é introduzido. Inicia-se aqui uma nova fase, a fase de reflexão. Ouvimos de fundo a conversa entre Dona Glória e Dona Ana, mais uma vez sem estarem em plano:

Dona Glória: *Eu também vou que tenho de botar a água, e cortar erva pás ovelhas!!*

Dona Ana: *???*

Dona Glória: *Já vais esfolhar?*

Dona Ana: *Vou esfolhar em pé.*

Dona Glória: *Ainda dá muito sol!!*

Dona Ana: *Acolá não dá.*

Dona Glória: *Ahh assim já esfolhas em pé! Olhe ela!*

Ambas falam do calor que está para trabalhar e que a tramela faz muito barulho. Dona Ana está sentada com o seu irmão Alberto debaixo da vinha que já exhibe os seus cachos de uvas gigantes e Dona Glória não está em plano, mas ouvimo-la.

Dona Ana: *Isto é que vai um calor!!*

Dona Glória: *É hoje já esta mais fresco!!*

Dona Ana: *Eu vou começar a esfolhar aquele bocadinho ali de espigas que já dá ali sombra!*

Dona Glória: *Eu vou cortar penso pós coelhos e para elas, que se tiver de sair de manhã, quando vier não ir corta-la com o calor, que eu não vou cortar erva com o calor, bem as ovelhas tão bem lá na corte que eu não vou cortar erva com este calor, que se foda o caralho!!! Éhh, Deus nosso senhor leva-nos em oito dias, o meu pai morreu e não levou nada com ele, e eu não o mandei matar, ele é que morreu, e eu também me pode acontecer igual. A gente trabalha tanto, para nada ter! para nada!*

Esta última frase aqui referida por Dona Glória diz muito sobre a sua angústia. Sem conseguir parar de o fazer, reclama de nada conseguir conquistar. Ao mesmo tempo, este diálogo demonstra também o convívio entre leiras e a combinação de afazeres, terminando numa expressão muito cómica da zona.

Dona Ana: *Foda-se, ninguém pode ser burro neste tempo. É só moscas!
Putá que pariu!!*

Dona Glória: *(risos)*

Dona Ana: *Esta bem então!! Tenho tanto trabalho e não me esta a apetecer fazer nada!!!*

Seguimos com um plano de Dona Glória em frente ao portão, sentada à sombra, enquanto escolhe feijões. De seguida vemos Dona Ana a desfolhar o milho em pé, com a ajuda do seu irmão Alberto.

Como habitual, não me deixa ir embora sem que leve uns quantos alimentos lá da horta e, desta vez, isto é mostrado no filme. Enquanto Dona Ana, enche o balde de tomates, vemos o quantidade enorme que existe e o quanto estes estão grandes e maduros. De seguida, colhe os pimentos e até as vagens para “ficarmos bem verdinhos na nossa agricultura”, como Dona Ana diz.

Dona Ana sai de campo e temos um plano aproximado da abelha a polonizar um girassol; cai a noite e a lua cheia aparece. Termina assim o quinto dia de filme correspondente ao meu quinto mês no local. Já ‘era da casa’ e até o questionamento já desvanecera. O Verão está no pico e com o Outono à porta, a reflexão não tardará a ser o foco.

6º Dia

O silêncio da noite é cortado pelo início do sexto dia que, com a ajuda da tramela, inicia um dia muito ativo naquela encosta. A desfolhada do milho começara e hoje a encosta está com mais gente. Seguem-se os festejos antes da despedida do filme.

Como referi no capítulo passado, foi um momento especial para Dona Glória e não poderia eu deixar de o incluir. A chegada de sua filha, juntamente com o seu neto vestido com o equipamento da seleção portuguesa, dá início à desfolhada. Todos ajudam; o seu filho, que também aparece pela primeira vez, corta a respetiva cana com a roçadeira. Entre planos gerais e aproximados tento demonstrar o envolvimento e o contentamento de Dona Glória nesta colheita.

Como quando encabou cebola, esta levanta-me a espiga no ar para que se veja a qualidade da sua colheita e, com muito orgulho, eu aproximo mais uma vez o plano. Estes *zooms* são nítidos e concedem ao filme uma característica importante do meu método em trabalho de campo, a observação.

Já se transporta os sacos e Dona Glória, contente, canta pela primeira vez.

“Acabou-se amor acabou-se, acabou-se a nossa alegria. Tenho pai tenho filho tenho tudo, só me falta o amor de Maria”

Enquanto trazem os sacos do fundo, vemos o campo já seco e o quanto a paisagem mudou durante a passagem de tempo no filme. Dona Glória, enquanto carrega um saco como se de lã se tratasse, questiona quantos sacos já existem; eu respondo que são uns dezanove e ela diz,

“ Ai tanta espiguinha que não nos falta este ano, Ana! Oupa Ana ”

Partimos já para a eira, onde vemos o espigão ainda vazio. O trator entra em plano e, para o descarregar, entram também todas as pessoas que estávamos a ver no campo, também. Dona Glória diz-me com ar de satisfação, *“ Oh Dona Cláudia e que tal?”*

Observamos enquanto descarregam a espiga para o espigão e o senhor do trator pergunta:

Senhor Domingos: *Quer dizer a menina andou a filmar até a fresar, até a colher o milho?*

Dona Ana: *É , é até tudo”*

Segue-se aqui uma conversa longa, à qual não me vou referenciar na totalidade. Na verdade, diz muito sobre o que foram estes sete meses e sobre a forma como elas se vêm neles. O Senhor Domingos, com a introdução desta questão, desenvolve um diálogo onde a estrutura do filme é discutida.

É dito que eu filmei tudo, como diz Dona Glória *“Até eu ali coitadinha sentada”*, que eu ouço tudo ao longe e até que o filme *“é à moda antiga”*, como refere também Dona Glória. Aqui eu respondo e desenvolve-se uma discussão acerca da forma como elas fazem o cultivo e sobre os utensílios que usam para tal. Como sempre, referem-nos como pertencentes ao passado, quando ainda os utilizam nos dias de hoje. Com este diálogo, este assunto é destacado e mais uma vez é referenciada a minha presença durante todo o processo e salientado o meu à vontade, quase incomodativo, em contrariá-las quando dizem que trabalham com métodos antiquados.

A conversa continua e, no seguimento da explicação da malha do milho, que não chegamos a ver, vemos o filho de Dona Glória retirar a tramela do poste, enquanto esta me pergunta se consegui filmar.

O almoço é servido e aqui apresento pela primeira vez todos à mesa a almoçar. A naturalidade com que aceitam a minha presença e a da câmara é tanta que escolho esta a situação para demonstrar um almoço na casa de Dona Glória, não só porque realmente queria que essa proximidade ficasse para o final mas também pela forma como eu própria pertença ali. O discurso é bruto e humilde, o cansaço visível e a televisão no fundo como um confronto com a atualidade, a que este mundo pertence também.

Tive medo de ridicularizar esta família com a divulgação deste almoço mas, a meu ver, este ambiente tinha de ser demonstrado e penso que agora, uma vez criada uma empatia com as personagens, o momento seria o ideal. Mostro planos aproximados das caras de Dona Glória e de Dona Ana que, com um ar de cansadas e serenas, ainda vão vindimar. Existe uma grande proximidade e compaixão presente nestas imagens.

Segue-se a vindima, onde mostro o processo de vindimar em escada, o convívio que existe durante a colheita também e, como não poderia deixar de acontecer, o gosto de Dona Glória em ter a casa cheia também. A uva é colocada no lagar de pedra, ralado por uma máquina elétrica, e a duração dos processos é testemunhada; eu mesma vou vindimar com eles.

Estamos num plano fixo e eu estou no cimo das escadas na ramada a vindimar. Dona Glória passa com o seu escadote em frente à camara e, sem ninguém perceber, nem ela própria, embate com o escadote na câmara. Ouve-se um grande estrondo, vê-se o escadote a chocar e o plano muda, sem que ninguém se aperceba, nem eu. A câmara ficou sozinha e isto aconteceu sem que ninguém se apercebesse, eu própria só me dei conta quando cheguei em casa e revi todo o dia filmado.

Neste momento ficou claro para mim que já não estava preocupada com a construção do filme, que já estava completamente inserida nele, isto é, que já pertencia à sua narrativa. Introduzi este plano para que, de certa forma, isso fosse transmitido. O espectador passa assim a ser o observador e é quase que acordado do ritmo que levara até então. Este embate entre o escadote e a câmara também funciona como uma chamada de atenção para o que se avizinha, pois o Outono chegou, e a reflexão também e com isto o filme está quase a terminar.

Vamos para o lagar; o vinho é pisado por um senhor amigo da família e o pelo neto de Dona Glória. Como já referi anteriormente, inicia-se uma conversa de saudosismo entre Dona Glória e a esposa do Senhor, ambas fora de plano. Dizem:

Dona Adelaide: *Quando era novita, eles agarravam-se ali assim as beiras do lagar a cantar.*

.....

Dona Glória: *E quando andávamos prai na brincadeira e agarrávamos no cu umas das outras e pumba no chão. Ai tempo, tempo! Agora não presta!*

....

Dona Adelaide: *Quantas vezes eles iam para vestir a roupa, ao sair do lagar, ou calçar os sapatos e estavam cheios de coisas, que púnhamos na brincadeira.*

Dona Glória: *Uma vez meti-me debaixo da cama e tudo... Nós eramos novas, havia aquela rapaziada, aquela juventude com muita garra, agora não, não há nada disso.*

Dona Adelaide: *É, agora não! E nós, íamos para um sítio assim mais alto, onde tivéssemos ensaiado, para se ouvir cantar ao longe, assim sabia-se que ali havia baile.*

...

Dona Adelaide: *Ouvia-se ao longe! Os rapazes ouviam cantar e sabiam que naquele sítio havia baile, tanto nas vindimas como nas desfolhadas.*

Dona Glória: *É!! Á noite cantava-mos e os rapazes vinham-nos procurar.*

Dona Adelaide : *Era bonito era!*

Como referi também no capítulo passado, as vindimas acabam aqui com a nostalgia de um passado que não tende a voltar.

O sol põe-se enquanto retiram o bagaço do lagar, e o colocam numa prensa. O Senhor Luís e sua esposa cantam. A noite cai e a lua agora está cheia.

7º Dia

O sétimo dia começa com uma panorâmica sobre o vale. Já com cores de Outono mostro, pela primeira vez, o lugar do filme na sua totalidade. Filmei este plano na casa onde vivi estes sete meses, repetindo-o em dias diferentes sempre com o mesmo movimento, com o mesmo princípio, meio e fim. Tendo em conta que este desde sempre foi o meu ponto de vista do local, não poderia deixar de o mostrar. Com o rio Douro à vista, situo agora, no final do filme, esta encosta.

A panorâmica acaba na encosta, onde vemos Dona Glória com Dona Ana à porta de sua casa. O sol está a nascer e o plano acompanha Dona Ana a seguir caminho, deixando Dona Glória para trás. O plano para até que Dona Ana surge novamente no caminho com um molho de couves à cabeça. Com um tom de despedida esta manda-me um beijo e segue caminho. É mais um dia de trabalho e a vida continua para Dona Ana. Este é o seu último momento no filme.

Dona Glória sentada à sombra do portão olha a paisagem em silêncio. Com a poda da vinha o senhor Alberto dá início a um novo ciclo.

Dona Glória, agora na cozinha, prepara o nosso almoço. Em plano fixo, esta lava a loiça em silêncio enquanto ouvimos ao fundo a televisão. Passa algum tempo e continuamos lá a observá-la. Eu interrompo,

Eu: *Pois é Dona Glória, está a acabar!!*

Dona Glória: *Está a acabar está. Está a acabar e nós cada vez mais velhas. E nós cada vez mais velhas!*

Dona Glória sai de campo enquanto ouvimos o som final de uma publicidade que mais nos parece o som final de um filme.

Entram os créditos, aparecendo em primeiro lugar o título do filme, seguido da realização do mesmo e as suas personagens principais. Aqui interrompo os créditos com o Senhor Luís, novamente no lugar a roubar o protagonismo.

Senhor Luís: *Como é? Vamos cantar a Alexandria ou não?*

Dona Fernanda: *Já cantaste, anda lá!*

Senhor Luís: *Não, ela não gravou, pois não?*

Eu: *Gravei.*

Senhor Luís: *Gravou, mas nós não cantamos bem.*

Eu: *Vocês é que sabem se cantaram bem ou não.*

Senhor Luís: *Mas nós enganamo-nos e tudo, não pode ser. Corte isso. Ou vai com qualidade, ou então não vai!!*

Não poderia deixar de mostrar a sua insistência em repetir e salientar que se é para ser bem feito, tem de ser repetido, contrariando pela única vez o meu método de observação. Aproveito também para me despedir destas personagens secundárias que, no seguimento deste processo, estiveram mais presentes. Terminam cantando pela segunda vez e dão fim a este filme com o seguinte refrão, ao mesmo tempo que continuam os créditos.

“Oh Rosa o linda rosa, ai o Rosa o linda rosa.

Deixa-te estar que estas bem, ai deixa-te estar que estas bem

Debaixo ninguém te chega, ai de baixo ninguém te chega

Ai a cima não vai ninguém, ai a cima não vai ninguém

Baila baila Rosa, baila baila bem. Baila baila Rosa, tu e mais alguém.

Baila baila Rosa, baila baila bem. Baila baila Rosa, tu e mais alguém.”

Assim termina este filme, com a sensação que tudo irá continuar, que aquele ciclo se tornará a repetir e que ano após ano, naquela encosta, tudo se repete menos o tempo, este passa e elas cada vez mais velhas.

O filme tem três horas e dez minutos, que me parecem essenciais para conseguir demonstrar o foco deste projeto - o processo - tanto o de trabalho de campo como o de o

representar. A meu ver, só é possível uma etnografia do local quando todo o processo é demonstrado e o espectador chega ao fim do filme com a sensação de saber o que vai acontecer no ano seguinte.

Entender a dinâmica do local e a sua identidade, bem como conseguir representá-la, é uma tarefa complicada e por isso mesmo aceito que estas três horas de filme não sejam definitivas. Foram meses muito intensos e, no período que os sucedeu, começou uma fase de montagem ainda mais exigente, nomeadamente no que toca a questões emocionais e até técnicas. Passando agora a uma terceira fase deste projeto, na qual passo a descrever abertamente todo o processo, nada me garante que não possa, aquando ao seu término, olhar para esta versão de três horas de uma outra forma e decidir reeditá-la. No entanto esta foi a sequência real do processo logo é essa que aqui venho expor e explicar.

Cap.3 – Entre Realidades e Representações

Estamos no terceiro capítulo, que refere a terceira fase do projeto e no qual elaboro uma reflexão mais teórica sobre o projeto, apontando também para uma conclusão do mesmo. É aqui que seleciono aqueles que me parecem ser os pontos importantes deste projeto e os aprofundo, centrando o contexto deste trabalho etnográfico numa sociedade onde a agricultura e o mundo rural são o foco principal. São então abordadas questões mais ideológicas e pessoais, tendo em conta autores e realizadores que utilizaram o mundo rural como objeto de estudo, sendo que muitas vezes este é um mundo descrito de uma forma pitoresca e imaginária.

Não me vou alongar muito nesta exposição pois, como já referi, este projeto diz respeito ao processo e não à sua conclusão. Quando falamos em conclusões, falamos em memória e sentimento acoplados a uma realidade. Na minha humilde opinião, não é possível obter a realidade, a verdade e a autenticidade. Apesar de tudo, quando falamos em processos de trabalho, falamos num meio-termo que circula entre a representação e a realidade, entre a memória e a verdade e até entre o sentimento e a autenticidade. Não querendo com isto fornecer nenhuma ideia pré-concebida de como deve ser feito este tipo de projeto, foquei-me no meu próprio processo de transição entre a representação e a realidade, passando de seguida a usar não só este projeto como exemplo mas também outros projetos, de forma a discernir os seus processos de trabalho e as suas diferentes formas de representar uma realidade.

Começo então por referir o filme *Vilarinho das Furnas* de António Campos, não só por se tratar de um documentário etnográfico, onde o trabalho de campo também foi realizado, mas também pela forma como António Campos representou todo esse processo e pela sua busca pela realidade no rural. Quando observamos este documentário, temos uma sensação de “realidade dos acontecimentos”, no entanto, parece-me claro que estas imagens tiveram de ser manipuladas para que a realidade que António Campos se deparou fosse assim transmitida.

No entanto, podemos também referir outro filme que igualmente retracta o mundo rural Português, *Trás-os-Montes* de António Reis. Por sua vez, demonstra a manipulação exercida para que esta vida no campo seja compreendida de um ponto de vista mais poético, no sentido mais literário do cinema.

O fato é que acabei de referenciar dois filmes que, segundo abordagens muito distintas, não só retratam o real como também o rural. O primeiro, *Vilarinho das Furnas* de António Campos, tenta esconder a manipulação de maneira que a realidade seja difundida no objeto fílmico. O segundo, *Trás-os-Montes* de António Reis, admite a manipulação e até enfatiza a realidade de modo a colocá-la de forma construída e artificial.

Assim, apresentando estas duas possibilidades, compreende-se que o meu método de representação da realidade se aproxima mais à forma de representar do cineasta António Campos, que muito valorizo. Não deixo, ainda assim, de valorizar o trabalho de António Reis que, com a sua versão mais poética de representar a realidade, dá luz à forma como a nossa sociedade vê o mundo rural.

Neste sentido, quase que podemos dizer que, entre António Reis e António Campos, a diferença surge na própria abordagem. Para além de ambos retratarem o real e o rural, António Campos retrata como o rural se vê a si próprio e António Reis, por seu lado, a forma como a sociedade em geral vê o rural. É interessante compreender como estas duas abordagens, ambas envolvendo trabalho de campo e um longo estudo sobre a população representada, desenvolvem de maneira diferente as diversas formas de observar o rural, desde quem lá vive a de quem o imagina.

Podemos ainda analisar estas abordagens de uma outra forma, tendo em conta que António Campos representa o povo tal como o viu e António Reis o representa com base no imaginário e nas memórias do povo retratado. Como a realizadora, e minha orientadora, Catarina Alves Costa o refere num excerto sobre o *Cinema de Reis e Cordeiro e a Representação da Cultura Popular* :

“A maneira como a vida rural foi filmada por Reis e Cordeiro remete não para um passado, mas para o passado.” ... “Este é portanto um cinema que fala da memória do país, e que representa uma geografia simbólica do mesmo, um discurso sobre a paisagem à qual restitui o universo camponês”.

A questão que quero aqui aprofundar, criando uma ponte entre o processo destes realizadores e o meu processo aqui apresentado, é o fato de a representação exercida sobre o outro ter de estar sempre em constante diálogo com a representação do outro.

Isto é, tendo em conta o decorrer do processo e a forma como se desenvolvem as relações entre o que é filmado, o que filma e o próprio habitar do local, o filme idealmente etnográfico, partindo do trabalho de campo, pode resultar em objetos cinematográficos muito diferentes e, com isso, acabar por mudar toda a metodologia e abordagem do mesmo. Assim, não podemos estar fechados num conceito e numa ideologia uma vez que o autor de um documentário não é o seu único realizador, já que todas as personagens que este filma ao longo do processo do trabalho de campo acabam por dirigir o filme.

Sendo o filme, no meu ponto de vista, um reflexo da construção de uma relação entre quem representa e quem é representado, não poderia deixar de realçar, neste projeto, essa mesma relação e o que dela resultou. Existiu também todo um processo pessoal na construção deste filme, que vem desde a memória ao sentimento que ela produz e que se traduz naquilo a que chamamos de identidade. Esse processo pessoal, junto com o relacionamento com o outro e o seu próprio processo pessoal, resultaram, no meu caso, num percurso doloroso, onde a própria identidade do sujeito é posta em causa.

Com isso gostaria de salientar também que é necessário que haja uma certa abertura para se aceitar que existe uma incontável possibilidade de acontecimentos, mesmo que, por sua vez, sejam manipulados desde a sua captação ou mesmo desde o seu planeamento. Não posso deixar de referir que, para além desta modalidade de documentário, que parte de uma componente mais observacional e de registo, existem muitos outros formatos, onde a ficção também entra, isto é, a manipulação no próprio ato de filmar é exercida. Ainda que ficcionados, estes filmes são também documentário na medida em que partem da intenção de representar o real. Posso, como exemplo, referir José César Monteiro ou mesmo realizadores mais recentes como Miguel Gomes e Pedro Costa, que acabam por utilizar metodologias de trabalho onde a ficção e o documentário circulam sobre a mesma ação.

Julgo que será importante neste ponto referir ainda a importância das questões da ética, um ponto essencial no processo de realização de um documentário. Para mim, o respeito pelo outro deve ser superior ao respeito pela obra, ou pelo produto final. Isto é, a forma como a “personagem” filmada se quer representar diz respeito à sua identidade e, quando falamos em documentário, falamos em representação de uma realidade e por isso também de identidade. Logo, se a identidade do sujeito ou até do

local se manifesta na forma como este se representa, só respeitando essa mesma representação é que conseguimos, enquanto realizadores, representar a realidade observada.

A questão de ética é assim essencial, não só pelo respeito para com o outro enquanto ser humano, como também pelo respeito ao próprio processo de representar uma realidade, procurando evitar que os nossos valores e a nossa identidade se sobreponham à realidade que queremos registar ou representar. Devemos tentar encontrar um equilíbrio, onde as identidades sejam cruzadas sem que nenhuma seja excluída, de forma a conseguir assim continuar a atuar naquilo a que penso poder chamar de cultura popular.

Já muitos trabalhos foram escritos sobre este tema e muitos outros acerca da cultura popular e da identidade nacional, desde o Estado Novo aos dias de hoje. No entanto, não querendo repetir o processo, fiz questão de realçar nesta fase final o que tem vindo a ser construído ao longo do tempo pelo cinema português e pelo estudo da cultura portuguesa.

Desde a Política de Espírito de António Ferro, iniciamos uma vida interior, ou nacional se assim lhe podemos chamar, como ele próprio o refere,

“A nossa acção, dentro da Política de Espírito, como órgão dirigente da Propaganda Nacional, é trazer para a luz, incorporar na vida da Nação todos os seus valores desconhecidos, colonizados ou combatidos. Não compete [...] dar o sinal da chegada mas o da partida!” pág. 153, Jorge Ramos do Ó: “Os anos de ferro”

Como todas as armas, o cinema não foi deixado de lado no que toca ao ato de trazer para a luz, como ele próprio o refere, os valores de uma nação. Rapidamente conseguimos perceber que, desde os filmes de propaganda, onde a comédia e o folclore persistem, aos filmes que se sucedem, de Benjamim Pereira, Ernesto Veiga de Oliveira, existe uma viragem de olhares, na qual a cidade é deixada para trás e o rural passa a ser o foco do olhar cinematográfico.

Os filmes encomendados pelo centro de Estudos de Etnologia aliados ao estudo de Jorge Dias vieram como uma urgência de filmar o que estava a desaparecer. O olhar

etnográfico começa assim em Portugal por Margot Dias, com os seus primeiros filmes em Moçambique, onde se manipula a imagem desde a sua captação à sua edição. Ali, o interesse é e sempre será o mesmo, a emergência de filmar um mundo que está prestes a desaparecer e, com isso, dar voz a quem não a tem. Tratava-se portanto de uma etnografia de urgência onde, por vezes, as práticas filmadas já se encontravam extintas mas ainda permaneciam na memória do povo. Muitos documentários foram realizados com base neste princípio, sempre com o rural e o interior como foco. Pouco depois, o filme deixou de ser utilizado no estudo da cultura como mero instrumento de recolha e passou a ser usado como meio de expressão, como é possível comprovar nos filmes que referenciei anteriormente, *Vilarinho das Furnas* de 1971, e *Trás-os-Montes* de 1976.

Naquilo que Catarina Alves Costa considera como sendo três tendências de uma linha marcada pelo registo, recolha de uma vida rural e esquecida pelo país, podemos salientar os seguintes: começando no filme etnográfico de arquivo, de Benjamim Pereira e Ernesto Veiga de Oliveira, desde 1960 a 1980 com 23 filmes, todos eles de puro registo, passando para o documentário de cariz etnográfico, com obras de António Campos, Noémia Delgado e Manuel Costa e Silva como exemplo, e com o documentário poético ou de imaginação etnográfica, explorada pelos realizadores António Reis, João Cesar Monteiro e Paulo Rocha. Podemos observar, aquando da visualização dos respetivos filmes, que todas elas atuam na chamada reconstrução de uma ideia de cultura e identidade nacional. Isto é, tal como eu me encontro neste processo de recolha e representação de uma realidade rural, já estes como muitos outros autores o tinham feito e continuam a fazer. Como afirmava Paulo Raposo no início desta tese,

“Quando falamos de reinvenção cultural e de ‘encenação da autenticidade’ pensamos em ‘fenómenos de re-imaginação’. E re-imaginar implica ideias de regresso, ressurreição, revivificação, mas também de criatividade e de produção cultural”

Assim, neste meu trabalho, julgo que posso afirmar que continuamos sempre na procura de uma identidade nacional ligada à cultura popular, aliados a uma tendência para a pesquisa do rural como objeto de estudo. Isto acaba por resultar na própria imagem que a ela é associada. O ciclo repete-se e o passado, como um recurso que o

cinema sobre a cultura popular tanto usou, continua presente na memória de quem se representa e de quem representa o outro. São as próprias personagens que se colocam, também, neste lugar de ligação ao passado e aos ciclos da natureza.

Assim, desde o papel que a Política de Espírito exerceu sobre o povo e sobre o cinema, ao papel do cinema na sociedade, a fixação da cultura e da identidade de um povo está presente. Mesmo que o intuito do cinema não seja essa fixação, a partir do momento que filmamos uma realidade esta transforma-se em matéria útil para a elaboração de um discurso sobre a identidade nacional. Não quero com isto dizer que o cinema exerce aqui um poder ditatorial, mas que o cinema circula na cultura como a cultura circula no cinema. Assim podemos também verificar a influência que as atitudes políticas, científicas e até artísticas, sejam elas conscientes ou não, têm naquilo a que chamamos de cultura popular e identidade nacional.

O fato é que atuando agora, não atuamos apenas no presente mas também na memória daqueles que no futuro se representarão. Tendo isso em conta, podemos dizer que hoje ainda somos atingidos pela política exercida pelo Estado Novo e que essa mesma política ainda influencia não só o olhar dos realizadores sobre a cultura portuguesa, como também a forma como o povo se representa. Penso que posso também referir que, por esse motivo, ainda estamos com o olhar no rural - um interior esquecido e desabitado, uma vida sossegada e pacata que tanto o cinema português retracta.

III – Conclusão

Agora concluindo este projeto e ao mesmo tempo justificando a sua utilidade, refiro aqui o quanto este pode ser importante para a caracterização de um contexto social e cultural, uma sociedade de tipo rural centrada no ciclo agrícola, não só pelas razões mencionadas no capítulo anterior, como também pela sua utilidade numa futura investigação cultural e identitária.

O trabalho de campo, e especialmente a realização deste documentário, a transcrição de diálogos e até a descrição do projeto aqui apresentados neste relatório/tese, ajudaram-me não só a ter uma melhor perceção do processo e das metodologias de uma etnografia visual, como também uma ideia mais concreta do modo como podemos representar e traduzir uma determinada realidade social. Assim, consigo agora afirmar que este registo apresenta não só as sociabilidades, os hábitos e o quotidiano desta região como acaba, também, por se centrar em questões tão específicas como o seu vocabulário, a sua cultura material, as tecnologias usadas, enfim, a forma como ainda se vive em Portugal no ano de 2017. Tendo em conta que esta realidade é já hoje desconhecida por muitos habitantes do nosso país, consigo imaginar que, num futuro próximo, quando esta realidade já não existir, este pode vir a ser, portanto, um documentário que servirá de suporte de análise de um determinado momento histórico, de uma determinada realidade cultural. Por esse motivo, por ter consciência de que este é material etnográfico importante, decidi legendar/transcrever os diálogos do filme, não só para uma melhor perceção de vocabulário utilizado mas também para uma melhor perceção das personagens aqui apresentadas, das suas particularidades e formas de estar e ver a sociedade em que estão inseridas e até a si próprias.

Não me posso também esquecer de referir que, para além de uma aprendizagem profissional, retirei também deste projeto um grande enriquecimento pessoal. Entre leiras fui desenvolver esta proposta e no seu processo percebi que é entre leiras que gostaria de estar novamente. O que antes me provocou medo e até arrependimento, hoje faz-me sentir rica e feliz por ter adquirido uma grande proximidade com tais pessoas, experiências e conhecimentos na minha vida. Foi um processo doloroso, mas extremamente enriquecedor.

Com isto, fecho este projeto pronta para rever a edição do filme e talvez pronta a fazer algumas alterações para uma posterior distribuição. O objetivo é que o projeto circule e faça parte da memória de alguém.

IV - Bibliografia

TYLOR, Edward, 1871, *Primitive Culture*.

PROPP, Vladimir, 1975, *Édipo à luz do Folclore*. Lisboa: Veja.

GEADA, Eduardo, 1977, *O Imperialismo e o fascismo no cinema*. Moraes Editora.

COHEN, E., 1988, *Authenticity and commoditization in Tourism, Annals of tourism research*. Vol.15(3), (371-386).

COSTA, João Bénard, 1991, *Histórias do Cinema Português*. col. Sínteses da Cultura Portuguesa - Europália 91, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

SMITH, A. D., 1991, *National Identity*. Hardsmondworth: Penguin Books.

LEAL, João, 1993, *Olhares sobre Portugal. Cinema e Antropologia*. Catálogo do Ciclo de Cinema Etnográfico, Lisboa: CEAS-ABCCine-Clube de Lisboa.

MILLER, D., 1997, "Consumption and its consequences". In Mackay, H.(org), *Consumption and everyday life*. London: Thousand Oaks – New Delhi, Sage, (13-50).

VASCONCELOS, João, 1997, "Tempos remotos: a presença do passado na objetificação da cultura local", in *Etnográfica*, Vol. I (2), (213 -235).

PRATS, L., 1997, *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel (19-103).

COSTA, Catarina Alves, 1998, *O filme etnográfico em Portugal: condicionantes à realização de três filmes etnográficos*. BOCC UBI.

CUCHE, D., 1999, *A noção de cultura nas ciências Sociais*. Lisboa: Fim de século (1º ed.1996).

Ó, Jorge Ramos do, 1999, *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a 'Política do Espírito', 1933-1949*. Lisboa: Editorial Estampa.

BRANCO, Jorge Freitas, 1999, "A Fluidez dos Limites: Discurso Etnográfico e Movimento Folclórico em Portugal", in *Etnográfica*, Vol. III(1), (23-48), ISCTE.

PENAFRIA, Manuela, 1999, *O filme documentário, História, identidade, tecnologia*. Lisboa: Edições Campos.

LEAL, João, 2000, *Etnografias Portuguesas (1870-1970), Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PENAFRIA, Manuela, 2001, *O ponto de vista no filme documentário*. BOCC UBI.

RAPOSO, Paulo, 2002, *Cultura Popular: Autenticidade e Hibridização, Cultura Popular em Contexto Rural*. Mafra: ISCTE.

RAPOSO, Paulo, 2002, *O papel das expressões performativas na contemporaneidade. Identidade e Cultura Popular*. Tese de Doutoramento, ISCTE.

CASTELO-BRANCO, Salwa; BRANCO, Jorge Freitas, 2003 (orgs.), *Vozes do Povo. A Folclorização em Portugal*. Lisboa: Celta.

SOBRAL, José Manuel, 2004, “O Norte, o Sul, a raça, a nação- Representações de uma cultura Portuguesa (seculo XIX – XX)”, in *Análise Social*, Vol. XXXIX (171), (255-284).

FIGUEIREDO, Nuno; GUARDA, Dinis, 2004, *Portugal: Um Retrato Cinematográfico*. Lisboa: Número - Arte e Cultura.

FOWLER, Catherine; HELFIED, Gillian, 2006, *Representing the Rural, Space, Place, and Identity in Films about the Land*. Wayne State University Press.

ALVES, Vera Marques, 2007, “*Camponeses Estetas*” no Estado Novo: *Arte popular e Nação Folclorista do Secretariado de Propaganda Nacional*. Tese de Doutoramento. ISCTE.

LEAL, João, 2007, “Usos da Ruralidade, Introdução”. in *Revista Etnográfica CRIA*.

ALVES, Vera Marques, 2007, “Usos da Ruralidade, “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo”, in *Revista Etnografica CRIA*.

ALMEIDA, Sónia Vespeira, 2007, “Usos da Ruralidade, “ A caminhada até as aldeias”: a ruralidade na transição para a democracia em Portugal”, in *Revista Etnografica CRIA*.

ALMEIDA, Sónia Vespeira, 2007, *Arquivos da memória, Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA : uma etnografia retrospectiva*. Centro de Estudos de Etnografia Portuguesa.

SANTOS, João Tiago, 2008, *A Identidade Nacional depois de Salazar*. Tese Mestrado U. Minho.

LEAL, João, 2008, “Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições”, in *Etnográfica v.12 n.1 Lisboa*.

PENAFRIA, Manuela, 2009, *Paradigma do Documentário, António Campos, Cineasta*. Covilhã: LabCom, Estados da Arte.

COSTA, Catarina Alves, 2009, “Como incorporar a ambiguidade? Representação e tradução cultural na prática da realização do filme etnográfico”, in Barbosa, A, et al, *Imagem-conhecimento, Antropologia, Cinema e outros diálogos*. São Paulo: Papyrus Editora, (127-143).

COSTA, Catarina Alves, 2010, “O cinema de Reis e Cordeiro e a representação da cultura popular”, in *Panorama do Documentário Português*, Catálogo ed. Apordoc e EGEAC, Lisboa, (84-89).

WILLIAMS, Raymond, 2011, *O campo e a cidade, na história e na literatura*. Companhia de Bolso, Tradução de Paulo Henriques Brito (1ª ed. 1989).

TORGAL, Luís, 2011, *O Cinema sobre o olhar de Salazar*. Temas de Debates.

VIEIRA, Patrícia, 2011, *Cinema no Estado Novo. A encenação do regime*. Edições Colibri.

COSTA, Catarina Alves, 2011, *O trabalho do filme etnográfico em prespetiva: questões da narrativa e da construção*. III Seminário Internacional Imagens e Narrativas.

AMANTE, Maria de Fátima, 2011, *Identidade Nacional, entre o discurso e a Prática*. Revista CEPSE, Fronteira do Caos.

COSTA, Catarina Alves, 2012, *Camponeses do Cinema: A representação da cultura popular no cinema português entre 1960 e 1970*. Tese Doutoramento.

RAPOSO, Paulo; CARDOSO, Vânia Z.; FRADIQUE, Teresa; DAWSEY, John, 2013, *Terra do não lugar: diálogos entre antropologia e performance*. Santa Catarina, Brasil: EDUFSC. ISBN: 978-85-328-0659-8

SOUSA, Vítor Manuel, 2015, *Da Portugalidade à Lusofonia*. Tese de Doutoramento, U. Minho.

LEAL, João, 2016, “A antropologia em Portugal e o Englobamento da Cultura Popular”, in *Sociol. Antropol | Rio de Janeiro*, Vol. 6(2), (293-319).

CUNHA, Paulo, 2016, “Para uma história das histórias do cinema português”, in *Aniki*, vol.3, nº1, (36-45).

V - Filmografia

- Leitão de Barros, *Nazaré, praia de pescadores*, 1929
- Leitão de Barros, *Maria do Mar*, 1930
- Manoel de Oliveira, *Douro Faina Fluvial*, 1931
- José Cottinelli Telmo, *A canção de Lisboa*, 1933
- Chianca de Garcia, *Aldeia da Roupa Branca*, 1939
- Francisco Ribeiro, *O Pátio das Cantigas*, 1942
- Manuel Guimarães, *Nazaré*, 1952
- Jean Rouch, *Moi, un Noir*, 1958
- António Campos, *A Almadroba Atueira*, 1961
- Manoel de Oliveira, *Ato de Primavera*, 1962
- Paulo Rocha, *Verdes Anos*, 1963
- Manoel de Oliveira, *O Pão*, 1964
- Paulo Rocha, *Mudar de Vida*, 1966
- António Campos, *Vilarinho das Furnas*, 1969
- Manuel Costa e Silva, *Festa do Trabalho e Pão em Grijó da Parada*, 1973
- António Reis e Margarida Cordeiro, *Jaime*, 1974
- António Campos, *Falamos de Rio de Onor*, 1974
- Rui Simões, *Deus Pátria e Autoridade*, 1974
- António Campos, *Gente da praia da Vieira*, 1975
- António Campos, *Paredes Pintadas de Revolução Portuguesa*, 1976
- Noémia Delgado, *Máscaras*, 1976
- Fernando Lopes, *Nós por ca todos bem*, 1976
- António Reis e Margarida Cordeiro, *Trás- os- Montes*, 1976
- João Cesar Monteiro, *Veredas*, 1977
- Rui Simões, *Bom Povo Português*, 1980

João Cesar Monteiro, *Silvestre*, 1982

Catarina Alves Costa, *Regresso à Terra*, 1992

Catarina Alves Costa, *Senhora Aparecida*, 1994

Catarina Mourão, *Fora de Água*, 1997

Catarina Mourão, *A minha aldeia já não mora aqui*, 2006

Catarina Mourão, *À flor da pele*, 2006

Catarina Alves Costa, *Nacional 206*, 2008

Miguel Gomes, *Aquele querido mês de Agosto*, 2008

Catarina Alves Costa, *Falamos de António Campos*, 2009

José Filipe Costa, *Linha Vermelha*, 2011

Cláudia Alves, *Sobre Viver*, 2012

Joshua Oppenheimer, *The Act of Killing*, 2012

João Pedro Plácido, *Volta à terra*, 2014

Miguel Gomes, *Mil e uma Noites: volume 1 – O Inquieto*, 2015

Miguel Gomes, *Mil e uma Noites: volume 2- O Desolado*, 2015

Miguel Gomes, *Mil e uma Noites: volume 3- O Encantado*, 2015

João Canijo e Anabela Moreira, *Portugal um dia de cada vez*, 2015

Tiago Pereira, *Porque não sou o Giacometti do Século XXI*, 2015

Tiago Pereira, projeto “Musica Portuguesa a Gostar Dela Própria”, 2011/...